



CRB

Quadro programático da CRB para o triênio 2013-2016

HORIZONTE

Como discípulos de Emaús, reconhecemos que estamos numa encruzilhada da nossa história. Aconteceram coisas que não esperávamos e nos perguntamos por nossa identidade e missão.

Creemos que Jesus Ressuscitado caminha conosco, aquece o nosso coração e nos convida, por sua Palavra, a viver a radicalidade do seguimento com alegria e esperança. Levantamo-nos com entusiasmo renovado para ir às fronteiras da missão, abraçando a causa dos pobres e dos jovens, ouvindo seus gritos e compartilhando suas dores. E humildemente imploramos: Permanece conosco! (Cf. Lucas 24,13-35).

PRIORIDADES

1. Identidade e mística

Permanecer com Jesus, que caminha conosco e faz arder o coração, para reapropriar-nos do núcleo identitário da Vida Religiosa Consagrada.

2. Missão, profecia e juventudes

Priorizar a presença missionária e a atuação profética, nas situações de fronteira (humanas, geográficas, sociais e culturais) e periferias, com ênfase na realidade das juventudes e onde a vida é mais ameaçada.

3. Intercongregacionalidade e leveza

Fortalecer a intercongregacionalidade e proporcionar a partilha de carismas e experiências, buscando maior leveza institucional, em vista da missão.

4. Formação

Qualificar o processo formativo em todas as suas etapas e dimensões, com ênfase nas novas gerações, no cuidado e na hospitalidade, para humanizar as relações e viver intensamente a mística e a profecia.



Itinerários de Maria:
inspiração para
uma Igreja "em
saída"

Ano da VC: o que
a VRC tem feito
por uma Igreja
eticamente
comprometida?

Uma VRC alegre
em meio às novas
pobrezas!

No Ano da VC,
Maria é o modelo
de entrega e
fidelidade

Convergência

481

MAIO
2015 • ANO L

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162



CRB

Convergência ISSN 0010-8162

DIRETORA: Irmã Maria Inês Ribeiro, mad
EDITOR: Irmão Lauro Daros, fms
REDATORA: Irmã Rosa Maria Martins Silva, mscs – MTb 0010693/DF

CONSELHO EDITORIAL: Frei Moacir Casagrande, ofmcap
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vitório, sj
João Edênio Valle, svd

PROJETO GRÁFICO: Manuel Rebelato Miramontes
COORDENAÇÃO DE REVISÃO: Marina Mendonça
REVISÃO: Mônica Elaine G. S. da Costa e Sandra Sinzato
IMPRESSÃO: Gráfica de Paulinas Editora
ILUSTRAÇÃO DA CAPA: Anderson Augusto de Souza Pereira

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário

Editorial

Ano da Vida Consagrada. Maria, ternura de Deus 301

Mensagem do Papa

Ave, mulher da aliança nova 304

Informes

Onde há religiosos/as há alegria! 306

Há 100 anos... A caminho nos passos de Paulo, Alberione, Tecla 308

Entidades criam Rede Eclesial Pan-Amazônica 312

V Simpósio Latino-Americano de Teologia Índia:
contribuições e propostas teológico-pastorais 314

Artigos

Itinerários de Maria. Inspiração para uma Igreja “em saída” 321
LÚCIA PEDROSA-PÁDUA

Ano da Vida Consagrada. O que a VRC tem feito
por uma Igreja etnicamente comprometida? 336
DAVID RAIMUNDO SANTOS

Uma VRC alegre em meio às novas pobreza! 351
ANNETTE HAVENNE

No Ano da Vida Consagrada, Maria é o modelo
de entrega e fidelidade 361
MARIA HELENA TEIXEIRA

Maio, mês de Maria. A VRC, com alegria, espelha-se na Boa Mãe para levar o rosto materno de Deus ao mundo. Em sua mensagem, o Papa diz que Maria “é a nova arca da aliança, perante a qual o coração exulta de alegria”.

Irmã Ângela Cabrera, no contexto do Ano da VC, envia-nos a mensagem “Onde há religiosos/as há alegria!”. Ela nos transmite o encanto com as palavras do Papa: “peçamos a Maria que nos leve pela mão até seu Filho”. O segredo está no encontro. Não podemos falar nem promover as coisas de Deus sem antes fazer a experiência de Deus”. A experiência de Deus envolve-nos de imensa e indescritível alegria.

Irmã Anna Maria Parenzan, Superiora-Geral da Congregação das Filhas de São Paulo (Paulinas), escreve sobre os 100 anos da Congregação, com o texto “Há 100 anos... a caminho: nos passos de Paulo, Alberione, Tecla”. Ela faz um resumo da bela história da Congregação e destaca características essenciais das Paulinas: “Desde o início a Congregação foi marcada pela audácia e criatividade missionária que lhe são características”.

O site www.cnbb.org.br traz o informe sobre a Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM). Diz o texto: “Lideranças de 11 países firmaram, durante encontro, a criação da Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam), com o objetivo de fortalecer a presença missionária no território amazônico. O evento ocorreu de 9 a 12 de setembro de 2014, nas Pontifícias Obras Missionárias, em Brasília, e reuniu cerca de 60 representantes de diversas entidades”.

Pe. Justino Sarmiento Rezende nos apresenta as “Contribuições e propostas teológico-pastorais do V Simpósio Latino-Americano de Teologia Índia”. O evento aconteceu na Diocese de San Cristóbal de Las Casas, na cidade do Chiapas – México, no período de 13 a 18 de outubro de 2014.

O primeiro artigo é de Lúcia Pedrosa-Pádua, que escreveu para o Ano da VC, com o tema mariano “Itinerários de Maria: inspiração para uma Igreja ‘em saída’”. Diz a autora: “As primeiras comunidades cristãs encontraram, em Maria, itinerários de transformação e integração de diferentes dimensões da sua vida: ser mãe, ser mulher, ser discípula. Estes itinerários não foram isentos de dificuldades. Neste artigo, começamos com estes itinerários, tomando por base a narrativa das Bodas de Caná. Em seguida, olhando para Maria, oferecemos uma reflexão sobre a necessária relação entre santidade e humanidade verdadeira. Por último, relacionamos alguns desafios da humanização, segundo a *Evangelii Gaudium*, com o testemunho de Maria, que nos encoraja a novas dinâmicas de vida e libertação”.

Frei David Raimundo Santos também escreve para o Ano da VC, destacando a relação da VRC com a cultura do povo afro-brasileiro. E lança esta pergunta: *Como a Vida Religiosa Consagrada do Brasil deve exercer seu profetismo diante da exclusão e de opressões vividas pelo povo afro-brasileiro?* O texto intitula-se “Ano da VC: o que a VRC tem feito por uma Igreja etnicamente comprometida?”.

Mais um texto para o Ano da VC: “Uma VRC alegre em meio às novas pobreza!”, da Ir. Annette Havenne. A autora nos leva às “fontes da alegria autêntica..., lá onde estão as fontes de água pura, de água ‘fina’”. E questiona: “Como voltar para estas fontes das quais já bebemos?”.

Por fim, outro texto mariano para o Ano da VC, da Irmã Maria Helena Teixeira: “No Ano da VC, Maria é o modelo de entrega e fidelidade”. A autora escreve que “não é possível compreender toda a beleza transformadora do

Evangelho sem a presença de Maria”. Diz ainda que “amar Maria é fixar o nosso olhar naquela mulher que, escolhida por Deus, soube, com dignidade, permanecer firme, inclusive junto à cruz do seu Filho. Atravessou as noites da fé, firme na Palavra de Deus assumida e vivida com lucidez”.

Ir. Lauro Daros, fms

Mensagem do Papa

304

Ave, mulher da aliança nova

Caminhar seguindo os sinais de Deus significa experimentar a alegria e o renovado entusiasmo do encontro com Cristo,¹ centro da vida e fonte das decisões e das obras.²

O encontro com o Senhor renova-se cada dia na alegria da caminhada perseverante. “Sempre a caminho com aquela virtude que é uma virtude peregrina: a alegria!”³

Os nossos dias invocam a necessidade de vigiar: “Vigilância. É olhar para o coração. Não devemos ser donos do nosso coração. Que sente o meu coração, o que procura? O que me fez feliz hoje e o que não me fez feliz? [...] Isto é conhecer o estado do meu coração, a minha vida, como caminho pela via do Senhor. Porque, se não há vigilância, o coração anda por toda parte; e a imaginação vai atrás. [...] Estas não são coisas antigas, não são coisas superadas”⁴

O consagrado se torna *memoria Dei*, recorda o agir do Senhor. O tempo que nos é dado para caminhar atrás da nuvem que pede perseverança, fidelidade para perscrutar na vigília “como se estivesse vendo o invisível” (Hb 11,27). É tempo da aliança nova. Nos dias do fragmento e da respiração breve, como a Elias nos é pedido para vigiar, perscrutar o céu sem se cansar para divisar a *nuvem, do tamanho da palma da mão*, conservar a audácia da perseverança e a visão nítida da eternidade. O nosso tempo permanece um tempo de exílio, de peregrinação, na espera vigilante e alegre da realidade escatológica em que Deus será tudo em todos.

Maria “é a nova arca da aliança, perante a qual o coração exulta de alegria, a Mãe de Deus presente no mundo, que não conserva para si essa presença divina, mas oferece-a compartilhando a graça de Deus. E assim – como recita a

1 BENTO XVI, Carta Apostólica sob forma de *motu proprio Porta fidei*, com a qual se proclama o Ano da Fé (11 de outubro de 2012), n. 2.

2 CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, Instrução *Partir de Cristo: um renovado compromisso da Vida Consagrada no terceiro milênio* (19 de maio de 2012), n. 22.

3 FRANCISCO, *Audiência aos participantes no encontro promovido pela Conferência Italiana dos Institutos Seculares*, Roma (10 de maio de 2014).

4 FRANCISCO, Discurso aos reitores e aos alunos dos Pontifícios Colégios e Internatos de Roma, Roma (12 de maio de 2014).

305

oração – Maria realmente é *causa nostrae laetitiae*, a arca em que realmente o Salvador está presente entre nós”⁵.

Ave, Maria, Mulher da Aliança nova, nós te chamamos bem-aventurada porque *acreditaste* (cf. Lc 1,45) e soubeste “reconhecer os vestígios do Espírito de Deus tanto nos grandes acontecimentos como naqueles que parecem imperceptíveis”⁶.

Sustenta a nossa vigília na noite, até as luzes da aurora na espera do dia novo. Concede-nos a profecia que narra ao mundo a alegria do Evangelho, a felicidade daqueles que perscrutam os horizontes de terras e céus novos (cf. 21,1) e antecipam a presença deles na cidade humana.

Ajuda-nos a confessar a fecundidade do Espírito no sinal do essencial e do pequeno. Concede-nos realizar o ato corajoso do humilde para o qual Deus *dirige o olhar* (Sl 138[137],6) e a quem são revelados os segredos do Reino (cf. Mt 11,25-26), aqui e agora.*

Amém.

Vaticano, 8 de fevereiro de 2014.

João Braz card. de Aviz
Prefeito

José Rodríguez Carvallo, ofm
Arcebispo secretário

5 BENTO XVI, *Homília na festa da Assunção da Bem-aventurada Virgem Maria*, Castelgandolfo (15 de agosto de 2011).

6 FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* (24 de novembro de 2013), n. 288.

* Fonte: PERSCRUTAI. *Ano da Vida Consagrada*. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 81-83.

Informes

306

Onde há religiosos/as há alegria!

A frase que encabeça esta reflexão sintetiza a particularidade que busca o nosso Papa ao convocar um ano em torno da Vida Consagrada: alegria! De que alegria se trata? O livro Cântico dos Cânticos dinamiza o horizonte ao afirmar: “Encontrei o amor de minha alma: o abracei e não o deixarei jamais” (Ct 3,4).

Qualquer pessoa diria que o Papa Francisco não tem problemas. Será? Sucede que o sorriso dele comunica a satisfação de quem tem encontrado o amor de sua alma. Quando nos convida a viver tal regozijo está convencido de seu pedido e nos aponta o caminho: a alegria está no Evangelho.

Ao abrir estas páginas contemplamos o diálogo entre o anjo e Maria, fundamentando a nossa alegria: “alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!”. Participamos da emoção do homem que, ao caminhar num campo, encontrou um tesouro, escondeu-o, vendeu tudo o que tinha e em seguida o comprou. Caminhamos com o mercador que não duvidou em fazer um bom negócio ao encontrar uma pérola de grande valor (Mt 13,44-46). Celebramos com a mulher que, ao perder uma moeda, varre cuidadosamente a casa até encontrá-la, convocando os vizinhos para festejar (Lc 15,8-10)... Jesus convida abertamente a viver essa felicidade mediante o caminho da pobreza, consolo, compaixão, paciência, fome e sede de justiça no trabalho para o Reino (Mt 5,3-11).

Este é o ano da graça, e somos convidados a nos sacudir de tantas distrações, falsos tesouros, superficiais preocupações, apegos sedutores que tiram nossas forças para abraçar o Espírito, motor de alegria que renova a fé e a Igreja. Somente assim, como assinala Francisco, citando *Vita Consecrata*,

n. 110: não somente temos uma gloriosa história para recordar e contar, mas também uma grande história que construir.

Na Carta Apostólica, o Papa nos pergunta: “Jesus é o primeiro e único amor, como nos propomos quando professamos nossos votos?”. Uma simples questão mobiliza nosso chão. Não, padre, reconhecemos que temos privatizado nossa bondade e ternura, que merecem ser desempoeiradas. Nossos olhos têm sido distraídos com anêmicos amores que, como parasitas, nos enfraquecem deixando-nos totalmente vazios. Porém, na misericórdia de Deus, também reconhecemos a Verdade no íntimo de nosso ser. Em nosso íntimo, nos identificamos com a corça que corre à fonte, porque nossa alma está sedenta do Deus vivo (Sl 42[41]). Encantamos quando ele costuma dizer: “peçamos a Maria que nos leve pela mão até seu Filho”. O segredo está no encontro. Não podemos falar nem promover as coisas de Deus sem antes fazer a experiência de Deus.

Ir. Ângela Cabrera*

307

* Irmã Ângela Cabrera faz parte da Congregação das Missionárias Dominicanas do Rosário. Endereço: Rosa Duarte Street, número 24 A, Gazcue Sector, Santo Domingo, República Dominicana.

Há 100 anos... A caminho nos passos de Paulo, Alberione, Tecla

Neste ano dedicado à Vida Consagrada, nós, Irmãs Paulinas, comemoramos o centenário de fundação da nossa Congregação. Queremos partilhar com a Vida Religiosa Consagrada do Brasil este momento de graça especial e de profundo agradecimento a Deus por estes 100 anos de história fundada na fé e no amor, levando a Boa-Nova de Jesus, na cultura da comunicação. Trazemos a seguir as palavras da Irmã Anna Maria Parenzan, Superiora-Geral.

1915-2015: 100 anos de vida tem a Congregação das Filhas de São Paulo, nascida do coração de um grande profeta, o bem-aventurado Tiago Alberione, com a colaboração iluminada e sábia de uma pequena grande mulher, Teresa Merlo, Tecla na Congregação.

Padre Alberione estava muito consciente da contribuição insubstituível que ela daria à nascente família religiosa: algumas décadas depois, ele definirá “dia de bênção” aquele 27 de junho de 1915, em que, na igreja de São Damião, encontrou a jovem Teresa. Um encontro que fez soar a hora de Deus e favoreceu a concretização daquela vocação totalmente nova (cf. *Abundantes Divitiae* [AD], 109-110). Um encontro que tornou mais explícito aquele “passo definitivo” da intuição alberioniana: “Escritores, técnicos e propagandistas, mas religiosos e religiosas [homens e mulheres...], para dar maior unidade, continuidade e maior sobrenaturalidade ao apostolado” (cf. AD 17, 24). Uma intuição que se desenvolvia em sintonia com a reflexão sobre a potencialidade

da mulher para a evangelização. Padre Alberione dirá, em janeiro de 1938: “Desde 1910... vós, Filhas de São Paulo, fostes pensadas, desejadas, preparadas, nascidas, crescidas, até hoje”.

As Paulinas celebram 100 anos de fidelidade ao Evangelho vivido e comunicado ao mundo através das múltiplas formas e linguagens da comunicação.

Uma rica herança

Desde o início a Congregação foi marcada pela audácia e criatividade missionária que lhe são características. As diversas fundações, na Itália e no exterior (Brasil, Argentina, Estados Unidos), praticamente obrigaram as primeiras Filhas de São Paulo a inventar um novo modo de viver a Vida Religiosa, baseado em um forte senso de responsabilidade, uma sólida interioridade, uma intensa vida de oração e um profundo sentido de pertença.

A expansão ocorreu na humildade, sem convites particulares das autoridades religiosas. As primeiras residências eram todas pobres, de acordo com as orientações do Fundador: “Começar do estábulo de Belém para seguir o Mestre Divino até o Calvário...”. E não foi apenas uma expansão geográfica, mas também apostólica. Paulinos e Paulinas acolheram com grande coragem os instrumentos de comunicação em rápida evolução e os adotaram para que a Palavra pudesse “correr com a velocidade da luz”.

Não podemos esquecer o quanto Mestra Tecla Merlo apoiou o impulso apostólico do Fundador: a fundação de *Famiglia Cristiana*, em Alba, no Natal de 1931; o início do apostolado do cinema, em 1948; o financiamento dos 50 Documentários Catequéticos em 1951; o desenvolvimento das bibliotecas e das livrarias; o apostolado catequético, bíblico e ecumênico. As Filhas de São Paulo acionavam máquinas tipográficas e dirigiam automóveis, quando ainda não se via nenhuma mulher ao volante. Muitíssimos foram

e continuam sendo os movimentos, as Exposições, as Semanas Bíblicas, Catequéticas, Marianas. Desde o início era viva em Padre Alberione a aspiração à unidade e universalidade, concretizada nos anos 1960, com uma expressão original e ecumênica, o centro *Ut Unum Sint*.

Com a fantasia da caridade

Também hoje a “fantasia da caridade” permeia toda a atividade e seria impossível traçar os percursos apostólicos que as Filhas de São Paulo realizam nas 50 nações dos cinco continentes, onde estão presentes.

É uma criatividade que leva a valorizar, mediante o Evangelho, cantos, músicas, vídeos, desenhos, programas radiofônicos e televisivos, *sites* na internet e social *network*...

As comunidades, muitas vezes multiculturais e internacionais, são pequenas luzes no ambiente em que vivem e nas igrejas locais, que irradiam o Evangelho com o testemunho da vida, a elaboração dos conteúdos, a abertura corajosa ao digital e às novas tecnologias, o serviço nas livrarias, as diversas formas de difusão, de animação e educação, especialmente ao uso da mídia.

“Elevai a vossa voz”

Dizia o bem-aventurado Tiago Alberione, no cinquentenário de fundação: “Agora chegastes em todos os continentes... A vossa palavra ressoa por todos os lugares; continuai elevando sempre mais a vossa voz. Ensinai!”.

Sentimo-nos impulsionadas, também, pelos contínuos convites do Papa Francisco, a fazer ressoar a Palavra, a ser uma Congregação “em saída”, para levar aos homens e às mulheres de hoje a consolação de Deus, para elaborar conteúdos que toquem o coração, façam vibrar, aqueçam a vida das mulheres e dos homens, “despertem” a sociedade.

E sentimo-nos também interpeladas a ser comunidades atraentes, que testemunham um modo diferente de agir e de viver, que são sinais evangélicos entre o povo.

Mestra Tecla gostava muito de repetir que, “se tivesse mil vidas, dedicaria todas ao Evangelho”. Nós somos uma parte dessas “vidas”, e auguramos, de todo o coração, que seu testemunho seja luz para aquelas jovens que o Senhor, temos certeza, continuará a chamar, para que vivam e comuniquem o seu Filho com todos os instrumentos, as formas e as linguagens da comunicação.

Ir. Anna Maria Parenzan
Superiora-geral
Paulinas

Entidades criam Rede Eclesial Pan-Amazônica

Lideranças de 11 países firmaram, durante encontro, a criação da Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam), com objetivo de fortalecer a presença missionária no território amazônico. O evento ocorreu de 9 a 12 de setembro de 2014, nas Pontifícias Obras Missionárias, em Brasília, e reuniu cerca de 60 representantes de diversas entidades.

Em um comunicado sobre o encontro, os participantes afirmam que a Bacia Amazônica, conhecida como Pan-Amazônia, sempre esteve entre os desafios pastorais e missionários para a Igreja Católica. “É uma urgência unir forças e criar caminhos de diálogo, cooperação e articulação entre todos os atores eclesiais presentes na região”, ressaltam.

Após reflexões sobre a missão da Igreja na Amazônia, foi criada a Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam), que tem como visão a vivência da fraternidade e solidariedade na busca do diálogo e da unidade eclesial a serviço da vida na Amazônia. Ficou definido, ainda, que a Repam terá como missão o intercâmbio e o esforço das igrejas locais, congregações religiosas e movimentos eclesiais, a partir da articulação conjunta no território Pan-Amazônico.

Na Declaração de criação da Rede Pan-Amazônica, os representantes das entidades ressaltam que “esta porção de terra é o bioma onde se expressa a vida em sua megadiversidade como dom de Deus para todos”. Lembram, entretanto, que é um “território cada vez mais devastado e ameaçado”, no qual “os grandes projetos extrativistas, os monocultivos e a mudança climática põem em grave risco o ambiente natural, ameaçam a dignidade e a autodeterminação dos povos e, sobretudo, afeta a Cristo encarnado nas pessoas que

conformam os povos originários, ribeirinhos, campesinos, afrodescendentes e populações urbanas”.

De acordo com a mensagem, a Pan-Amazônia é “fonte de vida no coração da Igreja”. No texto, os participantes dizem que “as culturas ancestrais expressam a harmonia entre as pessoas e a natureza” e recordam as palavras do Papa Francisco sobre o cuidado com a “beleza da criação” e o “respeito por todas as criaturas de Deus”.

Rede de solidariedade

O arcebispo emérito de São Paulo (SP) e presidente da Comissão Episcopal para a Amazônia da CNBB, cardeal Cláudio Hummes, acredita que a criação da Rede vem confirmar a missão da Igreja na região amazônica. “A Rede Eclesial nasce para ser uma rede de Jesus Cristo, que deve estar unida pela fraternidade e solidariedade das pessoas. É uma Igreja que deve manifestar a comunhão e olhar para as periferias existenciais e testemunhar na prática o amor e a misericórdia aos mais pobres e excluídos”, acrescenta.

Dom Cláudio também recorda as palavras do Papa Francisco que tem pedido mais atenção da Igreja aos povos excluídos e descartados pela sociedade do lucro. “É inaceitável para nós cristãos que haja pessoas excluídas, assim como povos e comunidades esquecidas. Nosso compromisso é incluir a todos dentro da caravana humana, possibilitando que sejam inseridas no contexto social e também na Igreja”, diz.

A reunião de criação da Rede Eclesial foi convocada pelo Departamento Justicia y Solidaridad do CELAM (Dejusol) e pela Comissão Episcopal para a Amazônia da CNBB. Também participaram dessa iniciativa a Confederação Latino-Americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas (CLAR), e a Caritas Latino-Americana (Selacc), com o apoio do Pontifício Conselho de Justiça e Paz.*

V Simpósio Latino-Americano de Teologia Índia

Contribuições e propostas teológico-pastorais

Os participantes deste Simpósio realizado na Diocese de San Cristóbal de Las Casas, na cidade do Chiapas – México, no período de 13 a 18 de outubro de 2014, apresentam as seguintes contribuições e propostas:

A. Revelação de Deus

1. “Muitas vezes e de muitos modos, Deus falou outrora aos nossos pais...” (Hb 1,1-2). Por isso, afirmamos que Deus esteve e está presente nos povos indígenas; falou-lhes e fala hoje. Os povos indígenas o descobriram e o escutaram; falaram dele e continuam falando com ele.

Como diz Santo Irineu: “Desde o princípio, com a ajuda de seu Filho, segundo seu plano, o Pai se revelou a todos, aos que quis, quando quis e como quis”.¹ “Deus não se revela somente nas coisas; também se revela aos indígenas. Na história dos povos esta revelação mostra o Senhor cuidando continuamente da humanidade para dar a vida a quem o busca fazendo o bem aos outros”.²

2. Desde a criação, Deus se manifestou de muitos modos e continua se manifestando hoje. Esta revelação de Deus chegou à sua plenitude na pessoa de Jesus Cristo, quem, por seu Espírito, continua se revelando em diferentes povos e culturas, fazendo-lhes amadurecer e levando-os à conversão e à plenitude. Nenhuma cultura esgota o Mistério de Cristo.

3. Jesus reconhece a fé para além da vivência do povo de Israel, como se descreve no diálogo com a mulher cananeaia (Mt 15,21-28) e com o centurião (Mt 8,5-10).

¹ *Adversus haereses*, PG 7, 990.

² Comisión Episcopal para Indígenas, de la Conferencia del Episcopado Mexicano: *Fundamentos Teológicos de la Pastoral Indígena en México* (1988), n. 25.

4. A Revelação sempre se consegue por mediações histórico-culturais. Todas as culturas têm seus valores e anti-valores; por isso, nenhuma cultura pode ter a pretensão de possuir a totalidade e exclusividade da Revelação.

5. A compreensão da revelação é progressiva, de acordo com as condições e situações sociais que vão sucedendo. As formulações teológicas não esgotam o Mistério de Deus.

6. As culturas e as religiões indígenas são fruto, resposta e expressão comunitária da experiência de Deus que os povos realizam nos acontecimentos de suas vidas.

7. Jesus Cristo é aceito e assumido por muitos povos indígenas. Eles o expressam nos valores de suas culturas, em suas vivências e em sua concepção do Reino de Deus. A fé em Jesus Cristo expressa-se de diversas maneiras, utilizando próprias categorias culturais para referir-se a ele: para uns ele é Redentor/Comprador (*Goel*), o Servidor que carrega nossas vidas; para outros, ele é o Irmão Maior, o Irmão Menor, Aquele que Derrama seu Coração, entre outros. Cristo entrega sua vida para que os povos tenham vida (Jo 10,10).

B. Teologia Índia

8. É tarefa da Teologia Índia aprofundar no acontecimento de Cristo o que se pode encontrar refletido em todas as culturas.³

9. A Teologia Índia (cristã-católica) é “momento segundo” que se reflete na vida de fé dos povos indígenas, em sua diversidade de expressões e situações concretas. Esta teologia tem seus fundamentos no mistério de Deus Criador que se revela em Cristo, Verbo Encarnado, que ilumina todo o ser humano (cf. Jo 1,9) para a plenitude da “vida” (Jo 10,10), e que está presente nos povos indígenas. Este Cristo é revelador do Pai, continuador de seu Projeto de Vida, que se atualiza hoje pela força e audácia do Espírito Santo. Por isso, nos povos indígenas, de certa maneira, vive intimamente o mesmo Mistério Trinitário.

³ III Simposio de Teología India, 2006, Guatemala.

10. A Teologia Índia vive e se elabora a partir de alguns *poços, postes, pilares fundantes e orientações* que surgem de sua *particular experiência de Deus*:

- a. A Espiritualidade e a mística, como experiência cotidiana contemplativa do sagrado trinitário na vivência de nossos povos.
- b. A Sabedoria, como experiência de vida herdada dos antepassados (memória) e recriada em cada geração e momento histórico, para responder aos novos desafios que agridem contra a vida.
- c. A Relacionalidade ou transrelacionalidade, como entrelaçado humano, comunitário e cósmico, integral e coletivo, donde tudo está entrelaçado e interconectado: nada fica fora da vida e do cosmo.
- d. A Transitoriedade, como movimento revelador de um Deus caminhante, itinerante, que tem seu símbolo na tenda e no caminho.
- e. A Reciprocidade em todo nível, como expressão do permanente dar e receber, ensinar e aprender, superando todo tipo de dicotomias, colonialismos, exclusões.
- f. A Dimensão Festiva da vida, como atualização e gozo constante de tudo o que cremos e esperamos, conjugando noite e dia, morte e vida, espaço e tempo, homem e mulher, razão e o coração⁴ para alcançar a “revolução da ternura”.⁵
- g. A Força e Esperança dos(as) pobres, portadores(as) da sabedoria divina, como lugar teológico privilegiado da revelação de Deus e da realização do reinado de Deus.
- h. A Dimensão Prática, como reflexão que nasce da vida e volta à vida para transformá-la segundo o Plano de Deus.

11. Deus continua se revelando na vida cotidiana dos povos indígenas. A Teologia Índia ou a Teologia dos Povos Indígenas procura dar razão desta revelação com uma metodologia que segue os seguintes passos:

4 *Corazonar* (em castelhano: sentir com a razão e pensar com o coração).

5 Papa Francisco, Exortação *A alegria do Evangelho*, 88.

- a. Viver, sentir e partilhar a realidade do povo com suas flores e espinhos, alegrias e esperanças.
- b. Busca comunitária crente do porquê e para quê esta realidade do povo.
- c. Contemplar numa atitude orante (que inclui cantos, danças, mitos, ritos, entre outros) a vontade de Deus e dos antepassados.
- d. Partilhar a resposta histórica de Deus aos povos (*contemplata aliis tradere*).
- e. Transformar a vida do povo segundo o Projeto de Deus e a utopia das culturas.

12. Nos anos recentes da Igreja a Teologia Índia passou da situação de proibida e tolerada a ser valorizada e em processo de ser aceita, que implica a um convite para converter-nos e alegrarmos.

13. Fazer Teologia Índia implica uma transformação profunda da pessoa e da comunidade por sedução divina, sentir-se amado(a) por Deus, estar profundamente tocado(a) por Deus, como diz São Paulo: “Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20), sob a ação dinâmica do Espírito Santo.

14. Na Teologia Índia essas realidades se encontram porque são do mesmo Deus:

- a. A vida e o Pensamento dos povos indígenas.
- b. A vida e o Pensamento dos povos ocidentais.

A Teologia Índia se propõe ser ponte, para criar harmonia entre os dois mundos, inspirada no acontecimento guadalupano.⁶

15. Nas culturas indígenas encontra-se uma proposta alternativa de vida aos modelos imperantes, para alcançar a plena realização pessoal e comunitária (*Sumak Kawsay*: Bem Viver). Esta alternativa é mediação e anúncio do Reino de Deus.

16. O diálogo entre a Teologia Tradicional e a Teologia Índia é um processo lento. Reconhecemos que há mais consciência e avanços no diálogo; de fato está se

6 Referência à aparição de Nossa Senhora ao índio Juan Diego: diálogo de Nossa Senhora com o índio Juan Diego; diálogo de Juan Diego com o bispo.

dando entre “interlocutores”. Ser interlocutor significa estar aberto à aprendizagem da lógica do outro para mútuo enriquecimento.

17. Para dialogar há necessidade de esclarecer a linguagem, de acordo com os ambientes, pela diversidade de cosmologias, para que estas se concretizem em práxis pastoral.

18. Do ponto de vista metodológico, a experiência comunitária é fundamental, pois é nela que os povos indígenas aprendem, elaboram e explicitam seu pensamento, sua cosmologia e sua experiência religiosa.

19. Um passo determinante no fazer teológico é conhecer e aprofundar as formas concretas nos quais os povos indígenas resistem hoje ante a globalização e megaprojetos, para conservar sua identidade, sua cultura e seus valores. A Teologia Índia é uma fonte de resistência à neocolonização cultural em processo.

20. Todo grupo religioso tem uma teologia. Portanto, é necessário que os mesmos indígenas sejam os protagonistas da reflexão teológica na Igreja, à luz da Palavra de Deus e do Magistério da Igreja, para seguir avançando no processo de diálogo teológico e de vida.

21. O sujeito da Teologia Índia é a própria comunidade, como na história do povo de Israel.

22. Não podemos esquecer que as culturas, como produto humano, têm suas limitações e suas deficiências, sempre com a necessidade de serem iluminadas a partir das Palavras Originárias dos povos indígenas e da Palavra de Jesus.

23. A vida dos pobres é o lugar privilegiado do fazer teológico.

C. Atitudes necessárias

24. Agradecemos a Deus o dom da fé recebida, mas, diante da história da evangelização da América, pedimos perdão e queremos mudar nossa maneira de apresentar o Evangelho com nova relação e diálogo intercultural. Ao mesmo tempo, a partir da memória, reconhecemos o martírio de tantas testemunhas da fé.

25. Para evangelizar, temos que escutar antes de falar; temos que aprender e sentir o idioma do outro. No caso dos povos indígenas, temos que conhecê-los, amar sua alma, valorizar suas tradições e sua linguagem, para assumir a presença de Deus em sua circunstância e dialogar com eles.

26. Propomo-nos servir como pontes entre diversos mundos. Deixar-nos transformar mutuamente.

27. Apostar na humanização para criar espaços de confiança e, dessa maneira, consagrar-nos à vida, ou seja, apostar nos mais necessitados.

28. Em nível de processos de inculturação é importante dar-lhes a continuidade. Por isso, é essencial evitar que as mudanças de agentes de pastoral interrompam esses processos. A compreensão e o apoio dos bispos, dos superiores e superiores religiosas e das conferências episcopais são importantes para dar impulso à Teologia Índia.

29. Assumir com respeito e diálogo, na vida eclesial, aqueles sinais do mundo religioso indígena que expressam os valores do Evangelho.

30. Estar dispostos(as) a conhecer, valorizar e aprofundar processos de celebrações inculturadas e ministérios autóctones, que em alguns lugares já se iniciaram, com notáveis frutos.

31. Nós que acompanhamos os processos de Teologia Índia devemos aprofundar o diálogo com nossos avós, sábios(as) e com a comunidade; é parte fundamental do processo, para depois manter o diálogo *ad extra* com outras Teologias e com toda a Igreja.

D. Sugestões e outros

32. Propõe-se ampliar o modo de compreender a Revelação, para não excluir as diversas manifestações de Deus na diversidade de culturas. Uma mostra da Revelação aos povos indígenas é a grande riqueza de nomes e atributos de Deus na experiência religiosa e teológica destes povos, que concordam com a revelação bíblica.

33. A interculturalidade é um eixo que deve atravessar o pensamento e a prática evangelizadora e pastoral da Igreja, não somente pensando nos indígenas e afros, mas em todos os níveis.

34. A Igreja tem que ser a primeira em reconhecer e defender os povos indígenas como advogada dos pobres; por isso, promover também o diálogo com a sociedade civil.

35. Assim como existem diversas culturas, existem também diversas cosmovisões. Por isso, não existe somente uma Teologia Índia, mas Teologias Índias.

36. Temas pendentes para refletir: interculturalidade, soteriologia, mestiçagem, discriminação dos indígenas e afro-americanos, migração, violência, agressão às suas terras e territórios, denominações religiosas hostis às suas culturas etc.

Pe. Justino Sarmiento Rezende

Itinerários de Maria Inspiração para uma Igreja “em saída”

LÚCIA PEDROSA-PÁDUA*

Vivemos hoje um forte chamado à renovação eclesial, em direção a uma “Igreja em saída”, servidora e missionária.¹ Como toda renovação, esta conversão exige transformação, flexibilidade, discernimento, decisão, novas ações. A Igreja é convidada a “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG 20).

Maria, a mãe do Senhor, cuja vida foi inteira configurada pelo Espírito, pode inspirar processos de renovação da vida e de fortalecimento da fé e da esperança em tempos difíceis. Falar sobre Maria é uma maneira de beber das fontes do dinamismo da vida cristã. É falar de gente, de antigas e de novas gerações que desejam aprofundar o seguimento de Cristo no hoje de suas vidas, como o fez Maria, de maneira exemplar e inspiradora para todas as gerações. É buscar significados de uma vida humana e de Deus que brilha, na imagem de Santo Agostinho, como “uma estrela na noite”.²

As primeiras comunidades cristãs encontraram, em Maria, itinerários de transformação e integração de diferentes dimensões da sua vida: ser mãe, ser mulher, ser discípula. Estes itinerários não foram isentos de dificuldades. Neste artigo, começamos com estes itinerários, tomando por base a narrativa das Bodas de Caná. Em seguida, olhando para Maria, oferecemos uma reflexão sobre a necessária relação entre santidade e humanidade verdadeira. Por último, relacionamos alguns desafios da humanização, segundo a *Evangelii Gaudium*, com o testemunho de Maria, que nos encoraja a novas dinâmicas de vida e libertação.

* **Lúcia Pedrosa-Pádua** doutorou-se em Teologia pela PUC-Rio, onde atua como professora nas áreas de Mariologia, Antropologia Teológica e Espiritualidade. Realizou estudos na Pontifícia Universidad de Salamanca e no Centro Internacional Teresiano-Sanjuanista (CITeS) de Ávila, Espanha. Autora de diversas publicações. Coordena o Ataendi – Centro de Espiritualidade da Instituição Teresiana no Brasil, dedicado à formação de cristãos leigos e leigas. E-mail: lpedrosa@puc-rio.br.

1 PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Brasília: CNBB, 2013, n. 20. Neste artigo usaremos EG.

2 Sermão 223D, 2. In: SANTO AGOSTINHO. *A Virgem Maria: cem textos marianos com comentários*. Trad. Nair de Assis Oliveira. 1. ed., 6. reimpr. São Paulo: Paulus, 2013. p. 115.

1. Itinerários de Maria: dinamismo, flexibilidade e conversão

O Evangelho de João, com todo o seu simbolismo, nos permite penetrar no que a comunidade entendeu ser o dinamismo da vida de Maria. A narrativa das Bodas de Caná (Jo 2,1-12) sugere um itinerário de transformação e expansão, uma verdadeira “peregrinação de fé”.³ Itinerário que envolve, fundamentalmente, a relação entre Maria, Jesus e a comunidade. O documento ecumênico do Grupo de Dombes, ao comentar as Bodas de Caná, fala de uma “baliza” no “caminho de conversão” na vida de Maria.⁴ Este itinerário inicia-se na relação de Maria com Jesus, como mãe. Passa por uma alteração na relação, pois Jesus a chama “mulher”. Desemboca na relação de discípula de Jesus e mãe de discípulos.⁵

De mãe a “mulher”:
expandir a noção de família, abrir as portas

A presença da “mãe de Jesus” nas Bodas, em Caná, é mencionada logo no início da narrativa: “houve um casamento e a mãe de Jesus estava lá” (Jo 2,1). A menção a Maria, logo no início, sugere que ela tem um destaque no desenvolvimento da narrativa. Ao que parece, foi convidada para as bodas por seu próprio mérito. Em seguida é mencionada a presença de outro bloco de convidados, Jesus e também os seus discípulos (Jo 2,2).

Atenta às necessidades ao seu redor, Maria se dirige a Jesus quando o vinho acaba. Numa leitura mais superficial, Jesus recusa o pedido da mãe no primeiro instante, mas depois, ao final, ele cede. Mas a narrativa abre espaço para uma interpretação simbólica mais profunda. Na expressão “Eles não têm vinho”, o evangelista atribui a Maria a manifestação de uma expectativa de salvação do povo da aliança. Eles têm a água para a purificação e para os deveres rituais, mas não têm o vinho da alegria do amor de Deus, das núpcias messiânicas, do Reino de Deus. Maria põe em evidência que algo não vai bem.

3 VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, n. 58. O termo foi desenvolvido na Encíclica *Redemptoris Mater* (1987).

4 GRUPO DE DOMBES. *Maria no desígnio de Deus e a comunhão dos santos*. 10. ed. Aparecida: Santuário, 2009. n. 181, p. 91.

5 Nossa inspiração vem do documento anglicano-católico sobre Maria, em seu comentário ao Evangelho de João. O caráter ecumênico do comentário manifesta a luz mariana para a espiritualidade cristã. Cf. ARCIC – Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana. *Maria: graça e esperança em Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2005. n. 22-27, p. 22-25.

A resposta de Jesus incomoda: “Que queres de mim, mulher?” (v. 4, cf. Jo 19,26). Em sua resposta, Jesus não se refere a Maria como mãe, mas como “mulher”. Pode parecer estranho que Jesus a chame assim. De fato, não é um termo esperado para a mãe, embora seja um termo utilizado para uma senhora, na Bíblia.⁶

A resposta não apenas põe de manifesto os limites de Maria, que ainda não compreende o momento da manifestação da glória de Jesus. As palavras de Jesus significam uma “baliza no caminho de conversão de Maria”.⁷ Jesus marca uma distância em relação ao parentesco terreno – mãe – e convida Maria a entrar no ponto de vista dele, seu filho; convida-a a seguir suas iniciativas – mulher e discípula. Ele a encoraja a dar um “salto de fé”.⁸ Acontece uma mudança no relacionamento com Jesus. Maria responde a este convite, e de maneira surpreendente.

Os outros Evangelhos, sinóticos, já haviam destacado a expansão da noção de família que Jesus realiza. Em sua pregação, o Reino é exaltado “acima de raças e vínculos de carne e sangue”.⁹ No Reino de Deus, sua mãe e irmãos são os que ouvem a Palavra de Deus e fazem a sua vontade (cf. Mc 3,35 e Lc 11,28). Há uma clara primazia dos que têm fé sobre os parentes físicos de Jesus. A família messiânica é inclusiva. É dessa forma que Maria é apresentada, no Evangelho de Lucas, como mulher de fé, que ouve a Palavra, guarda-a e a põe em prática (Lc 1,38; 2,19.51). Maria, perfeita discípula, também aprendeu a ser discípula, em dinamismo que envolve a oração, a compreensão que vai sendo iluminada no tempo, num processo não isento de sofrimentos, alegrias e discernimento por parte da mãe de Jesus.

Voltemos ao nosso episódio do Evangelho de João, nas Bodas de Caná, em que Jesus se dirige a Maria como “mulher”. É interessante notar que, nesse Evangelho, há mulheres que desempenham papéis surpreendentes e significativos.¹⁰ Mulheres que, como Maria, agem de forma inesperada e independente. Exercem ministérios importantes na comunidade. A ênfase deste Evangelho numa vida vivida em “espírito e verdade” (Jo 4,23) parece ter moldado uma

6 Cf. KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 113.

7 GRUPO DE DOMBES. Op. cit. n. 181.

8 MURAD, A. *Maria. Toda de Deus e tão humana*: Compêndio de Mariologia. São Paulo/Aparecida: Paulus/Santuário, 2012. p. 93.

9 VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, n. 58. Cf. também MULLER, A.; SATTTLER, D. *Mariologia*. In: SCHNEIDER, T. (org.). *Manual de Dogmática*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. vol. II, p. 143-170; aqui p. 146-149.

10 Cf. JOHNSON, Elizabeth A. *Nossa verdadeira irmã: teologia de Maria na comunhão dos santos*. São Paulo: Loyola, 2006. p. 350-352.

experiência profética na comunidade. Cheias do Espírito, as mulheres revelam um conhecimento profundo de Jesus, tomam iniciativas para apoiar sua missão e atuam como seguidoras e testemunhas de sua mensagem para os outros.

Assim, encontramos a samaritana, a quem também Jesus chama de “mulher” (Jo 4,21). Ela dialoga com ele no poço, em plena luz do dia. A ela Jesus revela sua identidade messiânica. Ao final, ela o reconhece como o Messias profeta esperado e age por iniciativa própria, como profeta e missionária, anunciando aos seus conterrâneos a notícia do Messias. Muitos acreditaram nele “pela palavra da mulher” (Jo 4,39).

Na comunidade joanina é uma mulher, Marta, de Betânia, quem expressa a confissão de fé cristológica. Diante de Jesus, que se revela como a Ressurreição e a Vida, Marta confessa: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus, aquele que vem ao mundo” (Jo 11,27). No Evangelho de Mateus, é Pedro quem realiza a confissão. Este paralelo manifesta a importância das mulheres como porta-vozes da comunidade joanina.

Maria, de Betânia, ao final do ministério público de Jesus, unge os pés de Jesus com perfume de nardo puro e os enxuga com os seus cabelos, perfumando os seus cabelos e toda a casa. É uma manifestação de amor, expressa de forma inspirada no Cântico dos Cânticos (Ct 1,3.12 e Ct 7,6). É também manifestação de fidelidade, que contrasta com a traição de Judas, e antecipação do lava-pés como sinal do seguimento de Jesus em seu caminho de amor. Um gesto cheio de simbolismo. Jesus aceita, aprova e defende o seu gesto e o seu amor (Jo 12,7).

Outra Maria, de Mágdala, permanece perto da cruz de Jesus (Jo 19,25) e é a primeira pessoa a chegar ao túmulo na manhã de Páscoa (Jo 20,1). A ela, Jesus ressuscitado também chama de “mulher” (Jo 20,15). Maria vê o Senhor ressuscitado e recebe diretamente dele a missão de anunciar o Evangelho (Jo 20,16-18). Missão que ela cumpre de maneira convincente e fiel, tornando-se, como os apóstolos, referência importante nas primeiras comunidades cristãs.

Quantas mulheres de fé, discípulas e testemunhas exemplares! Ao referir-se à mãe como “mulher”, vemos aí um deslocamento da relação meramente familiar para uma manifestação de Maria como mulher de fé no próprio filho, discípula exemplar, que atende ao convite de Jesus. Maria, como a samaritana e Maria de Mágdala, também denominadas por Jesus como “mulheres”, é a que soube se abrir à novidade do próprio filho e apresentá-lo aos demais. Estando Maria presente no primeiro sinal de Jesus, a transformação da água da purificação no vinho da alegria do amor messiânico, ela ganha o destaque da mulher que apresenta Jesus, o “noivo” dos tempos messiânicos. Ela convida a um olhar atento a tudo que obscurece a alegria e convida a uma nova esperança que vem do Cristo que convida ao seu seguimento. Foi preciso ultrapassar o lugar já garantido e esperado da mãe e caminhar no seguimento do filho.

De “mulher” a discípula e mãe de discípulos:
arriscar criativamente

A resposta de Maria à pergunta de Jesus vem em sua orientação aos servos da festa: “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5). É surpreendente, pois ela não é a encarregada da festa, função do mestre-sala (cf. v. 8). Há uma mudança radical com relação ao seu papel inicial de mãe. Ela é, nesta atitude, uma fiel na comunidade messiânica.

A partir desta instrução aos que serviam, Maria se compromete totalmente com o Messias e com sua Palavra. Surge ainda uma nova relação entre ambos. Ela convida os servos a um comportamento de fé tão radical quanto o seu havia sido. O documento anglicano-católico sobre Maria, ao comentar esta passagem do Evangelho de João, observa como, ao final da narrativa, há uma mudança na ordem dos personagens principais: Jesus “desceu a Cafarnaum com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos” (Jo 2,12). Se, no início, Jesus é parte da família de Maria, sua mãe, ao final Maria é parte do grupo de Jesus, sua discípula. Isto significa o entendimento da Igreja sobre o papel de Maria: “ajudar os

discípulos a irem até seu filho, Jesus Cristo, e fazer ‘tudo o que ele vos disser’”.¹¹

Podemos entender em termos de discipulado outra passagem de Maria no Evangelho de João: a crucificação (Jo 19,25-27). Maria compartilha da dor e do sofrimento de Jesus.¹² Sua presença sob a cruz, até o fim, o seu sofrimento, tudo isto denuncia, por si mesmo, o sofrimento de tantas mulheres que veem os filhos morrerem violentamente. E convida a uma radical resposta de fé, como filhos de Deus, diante da ação violenta. Convida a um mundo de redimidos que agem, decidida e não violentamente, contra a injustiça e a violência.

Em um de seus últimos momentos, Jesus dirige a ela uma palavra especial: “Mulher, eis aí o teu filho” –, e ao discípulo que ele amava – “Eis aí a tua mãe”. Estas palavras convidam a uma leitura profunda e simbólica, que faz ver Maria e o discípulo em relação com a Igreja. Maria é mãe dos discípulos, e os discípulos são encorajados a abraçá-la como mãe espiritual, mãe de uma Igreja de seguidores de Jesus, uma Igreja sinal de paz, de justiça e de pacificação; que aprendeu, na experiência da cruz, em que consiste o verdadeiro amor do discípulo, o qual, em seguimento do Mestre, ama até o fim e dá a própria vida.

Maria tem assim expandido o que já estava presente em sua atitude nas Bodas de Caná: ser discípula e mãe de discípulos, de seguidores do Deus que, em Jesus, se revela o Deus do amor, da alegria e do Reino. O Deus que abre espaço no interior das dores e injustiças deste mundo com as armas do amor concreto e da radical não violência.

Vemos, neste itinerário mariano, uma gradação teológica, articulada entre si: Maria-mãe-de-Jesus, Maria-mulher e Maria-discípula-e-mãe-de-discípulos, com uma qualidade nova de maternidade. A exemplaridade do discipulado de Maria inspirou a Igreja latino-americana em vê-la como discípula-missionária: “Maria é a grande missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários” (DAp, n. 269).

11 ARCIC. Op. cit., n. 25.

12 BOFF, Lina. *Maria na vida do povo: ensaios de mariologia na ótica latino-americana e caribenha*. São Paulo: Paulus, p. 83.

No itinerário transformador mariano há um crescimento, uma renúncia aos privilégios de mãe como fim em si, um passo para a fé, uma conversão, um amadurecimento, uma alegria nova que nasce com o vinho novo e um compromisso radical que nasce do amor “até o fim”.

2. Um caminho de santidade vivido na humanidade real e verdadeira

O desenvolvimento teológico ajudou muito a compreender a vida de Maria como um itinerário santo e humano. Melhor dizendo, como um caminho de santidade na humanidade. Um itinerário sustentado pela graça e vivido em amor e fidelidade a ela, sem resistências. Mas, sempre, humano, com sua fragilidade e necessidade de ajuda. Com itinerários ora mais claros, ora mais escuros.

Ao olharmos para a história da teologia, vemos que alguns Padres orientais tropeçaram em algumas dificuldades que os Evangelhos apresentavam sobre a mãe de Jesus. Pode ser que nos surpreendam suas observações e escritos sobre as imperfeições de Maria.¹³

Assim, João Crisóstomo considerou a intervenção da mãe nas Bodas de Caná (“eles não têm mais vinho”) como certa presunção. Igualmente, considerou um amor-próprio excessivo o desejo da mãe em falar com Jesus enquanto este falava às multidões (cf. Mt 12,47).

A profecia de Simeão “uma espada te transpassará a alma” e a presença de Maria ao pé da cruz foram comentadas por Orígenes, São Basílio e Cirilo de Alexandria. Estes autores consideraram a espada como uma dúvida que transpassou o coração de Maria nestes momentos. Cirilo viu em Maria uma dúvida ainda maior que a dos apóstolos, por ser mulher e mais frágil. Efrén reconheceu no itinerário de Maria um caminho de fé, em que a prova e a dúvida se fizeram presentes.

Sopesado o que pode haver de predisposições claramente machistas de algumas das perspectivas exemplificadas

13 TEMPORELLI, Clara. *Maria, mulher de Deus e dos pobres: releitura dos dogmas marianos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2011. p. 142-143.

anteriormente, não deixa de chamar a atenção a sinceridade das observações. Estes escritos, em que alguns Padres encontraram dificuldades nas narrações dos Evangelhos sobre a vida de Maria, fazem parte da história do desenvolvimento do dogma da Imaculada Conceição e da impecabilidade de Maria,¹⁴ ao longo do qual se deu uma identificação entre a santidade e uma pretensa perfeição.

A Igreja foi sábia ao perceber que o contrário acontecia: foi Maria quem indicou o caminho de uma verdadeira humanidade, a humanidade redimida e integralmente aberta e conduzida pela graça divina nas etapas diferentes de sua vida. Maria nunca se apresentou como perfeita, mas como a humilhada, e é a partir desta verdade que ela é resgatada por Deus, que faz nela maravilhas, desde o início de sua vida.¹⁵

No século XX, ainda antes do Concílio Vaticano II, o teólogo K. Rahner observou que alguns Padres, ao comentar as dúvidas de Maria e sua fragilidade, talvez tenham pressentido algo de verdade, que deve ser considerado com clareza e não com moralismos que evitam as dificuldades. Pressentiram o desconforto diante da errônea identificação entre santidade e perfeição. A teologia atual vê, com mais clareza, que a santidade, ao contrário, deve ser compatível com a vida humana e ordinária, aqui na terra, “onde se ri e se chora, se nasce e se morre”.¹⁶ A santidade de Maria não pode ser pensada de forma celestial e etérea, longe do cotidiano do homem e da mulher comuns.

Maria viveu uma vida oculta, dedicada ao trabalho. Uma mulher pobre numa cidade afastada da Galileia. Elizabeth Johnson, ao explicar sobre a vida cotidiana das mulheres daquele tempo, demonstra como seria adequado retratar Maria como uma camponesa forte, com capacidade de trabalhar na horticultura e com os animais domésticos, de cuidar e manter os alimentos e de assar o pão, de providenciar as roupas usadas pela família e de produzir cestos e louças de barro. Uma mulher capaz de transmitir, oralmente, a cultura, as crenças e os valores da herança judaica. Uma mulher capaz de percorrer as montanhas da Judeia e dar à luz em um local cheio de dificuldades.¹⁷

14 Cf. RAHNER, K. *Maria, madre del Señor*. 2. ed. Barcelona: Herder, 2011. p. 51-65 e 95-109; e TEMPORELLI. Op. cit., p. 137-187.

15 Cf. TEMPORELLI. Op. cit., p. 176-178.

16 RAHNER. Op. cit., p. 102-103.

17 JONHSON. Op. cit., p. 250-257.

Do ponto de vista interior, Rahner retrata Maria como uma buscadora, que conheceu a angústia, que não compreendeu tudo e que deve ter-se perguntado muitas vezes pela razão das coisas “durante toda a sua existência e em cada uma das suas etapas, como os demais homens”.¹⁸ Teve que perguntar ao seu filho Jesus: “Filho, por que agiste assim conosco?... Teu pai e eu te procuramos cheios de angústia” (Lc 2,48). Os Evangelhos dizem, duas vezes, que ela não compreendeu o que lhe havia sido dito (Lc 2,33.50). A mãe de Jesus acolheu muitos acontecimentos em seu coração, para que, só mais tarde, esse silêncio pudesse produzir uma compreensão iluminada (Lc 2,19.51). Teve que escutar, ao buscar seu filho como mãe: “Quem são minha mãe e meus irmãos?... Todo aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã, minha mãe” (Mc 3,33.35), e na Bodas de Caná: “Que queres que eu faça, mulher?”. E, ao dizer “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,4-5), não sabia de antemão o que ele faria. No momento da crucificação, esteve de pé, com seu filho. E, se é verdade que Lucas narra sua presença na primeira comunidade em Pentecostes, parece que esta presença era tão habitual que ela é mencionada sem ênfase especial: “Todos, unânimes, eram assíduos à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus” (At 1,14).

Maria é assim um ser humano “real e verdadeiro,... não um postulado de um idealismo ético”.¹⁹ E é no interior desta humanidade, com sua alegria e sua dor, sua força e sua miséria, suas descobertas e sua obscuridade, seus condicionamentos socioculturais e humanos, que age a graça de Deus. A partir de dentro de sua humanidade, Maria foi toda amor e fidelidade, um ser humano para Deus, a “cheia de graça”, a sem pecado.

Os itinerários que vimos na primeira parte nos permitem entrever alguns processos, dinamismos e transformações na vida de Maria, registrados na memória e na reflexão das primeiras comunidades. São processos inspirados pelo Espírito e acolhidos livremente por Maria, em etapas diferentes de sua vida. Nesta acolhida ativa se manifesta, mesmo escondida na obscuridade do cotidiano ou na dor, a graça vitoriosa de Deus manifestada em Jesus, seu filho.

18 RAHNER. Op. cit., p. 103.

19 RAHNER. Op. cit., p. 105.

Nossos itinerários e processos – Maria e a boa-nova da alegria e da esperança

Olhar para Maria, nossa irmã na humanidade, nos faz encher de esperança e confiança na graça de Deus. Faz-nos valorizar processos e dinamismos de vida, vividos na fragilidade e tantas vezes na obscuridade simples do dia a dia. No entanto, nesta fé e perseverança encontram-se a força e a alegria de Deus. Maria pode ser para nós a boa-nova da alegria: “alegra-te, cheia de graça”! (Lc 1,28).

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* – O Evangelho da Alegria – apresenta orientações importantes para refletir sobre a humanidade verdadeira, não a humanidade essencialista ou moralista, que considera o ser humano como conceito ou abstração e que acaba por desumanizá-lo. A Exortação valoriza o humano existente, concreto, tal como ele se experimenta, que caminha na história, com outros.²⁰ Algumas observações deste documento podem ser iluminadoras, especialmente se associadas aos itinerários marianos.

A Exortação enfatiza que é humano crescer processualmente. Na vida, na formação, e na evangelização é necessário “ter presente o horizonte, adotar os processos possíveis e a estrada longa” (EG 225). Ao que não se pode compreender imediatamente, é preciso muitas vezes esperar o Espírito Santo (cf. Jo 16,12-13), discernir. Com o tempo, a eloquência da bondade pode desfazer a ambiguidade presente também no Reino (cf. Mt 13,24-30). Podemos contemplar em Maria este núcleo de força que foi a atitude que envolveu a observação confiada, a contemplação maravilhada e a oração silenciosa (“a mãe guardava todos estes acontecimentos em seu coração” e “procurava-lhes o sentido”, Lc 2,51.19). Atitude que gerou a iluminação da sua inteligência no momento oportuno e que fecundou, ao longo de sua vida, ações criativas e abertas à transformação. Houve um processo de integração, sempre inacabado, entre oração, discernimento e respostas coerentes. Maria pode ser a ilustração de que Deus convida sempre a dar um passo a mais. Maria deu uma resposta completa a Deus, o *sim*, mas este

20 Cf. PEDROSA-PÁDUA, L. O ser humano, centro da *Evangelii Gaudium*. In: *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Paulinas, 2014. p. 135-145.

sim se desdobrou em distintas manifestações ao longo de sua vida. A EG afirma que Deus “não exige uma resposta completa se ainda não percorremos o caminho que a torna possível” (EG 153).

Ser humano é também ser e saber-se limitado. Há de se ter consciência das limitações humanas e da primazia da graça de Deus. Essa consciência humaniza, gera co-humanidade e solidariedade. Porque, consciente de suas limitações, o ser humano é capaz de abrir mão de atitudes farisaicas de auto-defesa e autojustificação, sempre rígidas e dispostas a julgar e acusar. É capaz de simplesmente ser humano com outros humanos, e aí está sua grandeza evangélica.

Na consciência da limitação, é possível perceber-se relacional, dependente da graça libertadora que liberta para o serviço, para além das “estruturas que dão falsa proteção”, das normas que fazem “juízes implacáveis”, dos “hábitos em que nos sentimos tranquilos”, mas que, na verdade, distanciam do núcleo evangélico do amor e da misericórdia diante de situações urgentes (EG 49).

Podemos contemplar Maria em sua co-humanidade e solidariedade ativa que a levam a observar: “Eles não têm mais vinho”. Só a consciência da limitação e da graça de Deus gera este “coração missionário, consciente destas limitações, fazendo-se fraco ‘com os fracos’ e tudo ‘para todos’ (1Cor 9,22)”. Igualmente, podemos contemplar Maria em sua visita decidida a Isabel, que chegou a arrancar da prima uma frase de surpresa: “como pode ser que venha a mim a mãe do meu Senhor?” (Lc 1,43). É que um coração missionário sabe que a graça de Deus cria pontes, não o fechamento egoísta. Maria cresce na compreensão do Deus que faz maravilhas, que manifesta o poder de seu braço numa humilde serva e, assim, “não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada” (EG 45).

Ser humano é desenvolver liberdade e criatividade. A *Evangelii Gaudium* afirma que “o Senhor quer servir-se de nós como seres vivos, livres e criativos” (EG 151). Maria pode nos ensinar a crescer nesta liberdade que, nela, foi plenamente libertada para viver o *sim* a Deus, na força da fé, do amor e da esperança.

Livre de obsessões e procedimentos secundários, ela toma iniciativas confiadas: “faça-se tudo a mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38), e convida os discípulos a uma atitude de fé semelhante à dela: “fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5).

Porque soube dizer *sim* à liberdade, Maria é capaz de “colaborar com a ação libertadora do Espírito” (EG 178). Por isso, o seu *sim* permanece na história, como chamado a uma resposta pessoal à própria obra libertadora da graça em cada um de nós. O coração missionário é um dom divino e apela a todos uma resposta, “não se trata de uma missão reservada apenas a alguns” (EG 188). Trata-se de um amor libertado para amar concretamente até os últimos, os que não contam para nada, os excluídos deste mundo globalizado e sem coração, carente do vinho da festa, da justiça, do amor e da alegria.

Maria nos mostra que ser humano é cultivar o espaço interior de maneira integrada com o compromisso. Seu silêncio no coração não é alienante; é fonte de comunhão solidária e de fecundidade missionária. Maria descobriu a “fraternidade mística” (EG 92), ou seja, olhar o próximo em sua grandeza e descobrir Deus em cada ser humano, a começar pelos pobres e humilhados.

Conclusões

Os itinerários de Maria mostram o dinamismo do amor e da fidelidade da mãe do Senhor. Nele, há precedência da vida, não moralismo, pragmatismo ou eficientismo. Não há falsa perfeição, mas uma sinceridade do coração que mantém a jovialidade dos discípulos de Jesus. Há solidariedade e co-humanidade. Há um olhar para o futuro, não para o passado em atitude de garantir as regalias alcançadas. Há um olhar para as necessidades do mundo (a falta do vinho), não para os centros satisfeitos do poder. Há confiança na graça misericordiosa de Deus, não no pecado.

São atitudes que levam a Igreja, como Maria, a ser “uma mãe de coração aberto” e uma “casa aberta do Pai” (EG 46-47).

A vida de Maria manifesta como o ser humano é um ser que se narra em suas relações e opções. Seu desenvolvimento

é processual, por isso devem ser priorizadas dinâmicas de vida, como as que o filho inspirou em seu coração. O ser humano é limitado e dependente da graça de Deus, por isso mais vale ater-se ao núcleo do Evangelho e arriscar-se na evangelização, com outros, do que fechar-se em estruturas e normas que geram a ilusão de grandeza e de se haver já alcançado tudo o que se pode. O ser humano é liberdade e criatividade, e ambas devem ser cultivadas e alimentadas à luz do Evangelho que envia, não que retém. Ser humano é caminhar com outros, e assim a diferença não deve ser fator de paralisia, mas de sair em busca e de dialogar. Ser humano é confiar nas riquezas do espaço interior num dinamismo integrador entre o interior e as atividades e os compromissos, sob o risco de desagregação interna e perda do sentido das atividades e da própria vida.

Maria nos mostra como num itinerário comum de vida, sóbrio, corajoso e fiel, esconde-se a graça divina. Como em Maria, graça que se estende a todos. Na vida de Maria podemos ver toda a humanidade redimida. De maneira especial, a Igreja é animada a nunca desistir da humanidade, a não temer as fragilidades, as misérias e corrupções, nem as aparentes imperfeições. Sob tudo isto está a graça de Deus que chama à renovação, pacientemente, mas como luz forte e irradiante, esperança e amor. Esta humanidade que não teme renovar-se é o ponto de partida para a renovação eclesial à qual o Papa Francisco tão veementemente exorta. Desejar esta humanização para todos já é o início do anúncio do Evangelho, vinho novo do amor, da alegria e da festa.

Bibliografia

- ARCIC – Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana. *Maria: graça e esperança em Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BOFF, Clodovis. *Introdução à mariologia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOFF, Lina. *Maria na vida do povo: ensaios de mariologia na ótica latino-americana e caribenha*. São Paulo: Paulus, 2001.
- CELAM. *Documento de Aparecida*. 1. ed., 15. reimp. Brasília/São Paulo: CNBB/Paulus/Paulinas, 2014.
- GRUPO DE DOMBES. *Maria no desígnio de Deus e a comunhão dos santos*. 10. ed. Aparecida: Santuário, 2009.
- JOHNSON, Elizabeth A. *Nossa verdadeira irmã: teologia de Maria na comunhão dos santos*. São Paulo: Loyola, 2006.
- KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MULLER, A.; SATTLER, D. Mariologia. In: SCHNEIDER, T. (org.). *Manual de Dogmática*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. vol. II, p. 143-170.
- MURAD, A. *Maria. Toda de Deus e tão humana: Compêndio de Mariologia*. São Paulo/Aparecida: Paulus/Santuário, 2012.
- PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Brasília: CNBB, 2013.
- PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. O ser humano, centro da *Evangelii Gaudium*. In: *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Paulinas, 2014. p. 135-145.
- RAHNER, K. *María, madre del Señor*. 2. ed. Barcelona: Herder, 2011.
- SANTO AGOSTINHO. *A Virgem Maria: cem textos marianos com comentários*. Trad. Nair de Assis Oliveira. 1. ed., 6. reimpr. São Paulo: Paulus, 2013.
- TEMPORELLI, Clara. *Maria, mulher de Deus e dos pobres: releitura dos dogmas marianos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*. Introd. Frei Boaventura Kloppenburg. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

3 3 (0 2 1

t i l r 0. Inspirecois e DiiTgm(i226(38D[(d)12oii613.2d5(s))40 M1()6g3BD[-(n)11a9-(n0, q

Ano da Vida Consagrada

O que a VRC tem feito por uma Igreja etnicamente comprometida?

FREI DAVID RAIMUNDO SANTOS*

O que falta para que os/as religiosos/as ajudem mais no surgimento de uma Igreja evangelizadora, etnicamente responsável e em sintonia com o Papa Francisco na expectativa do Reino de Deus, refletindo na liturgia, na Igreja e na sociedade?

I – Introdução

O documento de 8 de dezembro de 1975, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, do Papa Paulo VI, especialmente no número 20, continua sendo o grande desafio, que ainda não foi abraçado pela Comunidade Religiosa e pela Igreja, para se libertar do domínio totalitário da cultura europeia e pregar o Evangelho a todas as culturas, a partir dos valores de cada cultura, mantendo o cerne do vigor evangélico. Poucos cardeais, bispos, padres, religiosos/as e suas respectivas Congregações levam o Evangelho vivo a sério e o colocam verdadeiramente em prática no dia a dia, com dedicação e compromisso com o Reino de Deus. Por quê? Infelizmente a resposta é muito chocante: a mudança proposta no Evangelho e lembrada pelo Papa Paulo VI exigia e exige que as culturas que predominavam e predominam na Igreja abrissem mão de seu tradicional poderio cultural de moldes europeus, na forma de evangelizar e celebrar, dando espaço para a diversidade cultural criada por Deus e desejada por documentos eclesiais inspirados no exemplo de Jesus Cristo, que motiva que as culturas oprimidas,

* Frei David Raimundo Santos, OFM, é teólogo, filósofo e especialista em Liturgia Inculturada e em Ações Afirmativas.

especialmente a indígena e a afro-brasileira, sejam protagonistas no serviço de evangelizar e gerar o diálogo com Deus. Este é um problema verificado só na Igreja Católica? Não. Todas as Igrejas cristãs desrespeitavam e desrespeitam, na base de suas estruturas, a rica diversidade cultural, criada e doada à humanidade por Deus, que é o Senhor de todas as culturas. A Vida Religiosa autêntica caminha de forma macroecumênica em sintonia com os leigos, com as demais religiões, abertas à diversidade étnica e tendo um foco: *servir em processo convicto de fortalecimento do Reino de Deus!*

Há exatamente vinte anos, em 1995, publicamos nesta Revista da Vida Religiosa brasileira, *Convergência*, um artigo denominado “Uma contribuição ao debate em torno do rito afro-brasileiro”. O que avançou de lá para cá? As dioceses, a CNBB e as estruturas da Vida Religiosa colocaram as mãos e aprofundaram-se na causa da inculturação? Colocaram em prática os documentos da Igreja sobre inculturação? Perseguram de maneira explícita ou velada os protagonistas desta ação pastoral inculturada?

A Carta apostólica lançada pelo Papa Francisco, dando orientações para a vivência profética do “Ano da Vida Consagrada”, lançada no dia 30 de novembro de 2014 e que terá vigência até o dia 2 de fevereiro de 2016, na segunda parte da carta, cujo título é “As expectativas para o Ano da Vida Consagrada”, no número 2, assim se expressa: “Espero que ‘desperteis o mundo’, porque a nossa característica da Vida Consagrada é a profecia”. Como disse aos Superiores Gerais, “a radicalidade evangélica não é própria só dos religiosos: é pedida a todos. Mas os religiosos seguem o Senhor de uma maneira especial, de modo profético”. Esta é a prioridade que agora se requer: “ser profetas que testemunham como viveu Jesus nesta terra [...]. Um religioso não deve jamais renunciar à profecia”. *Como a Vida Religiosa do Brasil deve exercer seu profetismo diante da exclusão e de opressões vividas pelo povo afro-brasileiro?*

II – A Vida Religiosa é importante para os afro-brasileiros?

Este tema é de vital importância para o aprofundamento da Vida Religiosa na atual fase de busca e construção de comprometimento e identidade com a comunidade afro-descendente indígena, nas Igrejas e fora das Igrejas, em nível nacional. A Vida Religiosa e as Igrejas, mais uma vez, erram e não dão espaço para o diferente! Os cristãos em geral estão descobrindo algo fantástico: este povo afro-brasileiro é marcadamente religioso! Se a Igreja Católica não lhes permite espaço, buscam, sem perda de tempo, exercer sua fé verdadeira e legítima em outras expressões religiosas. Este é um dos fatores através dos quais a Vida Religiosa e a Igreja Católica estão, cada vez mais, em franco declínio. A religião está à flor da pele deste povo negro! Eles têm grande vocação para viver a Vida Religiosa, mas ela está formatada equivocadamente para as tradições e liturgias em processo de convalescência do velho mundo. Percebemos que, antigamente, nos quatro cantos do Brasil, havia uma tentativa de articulação da luta pelos direitos dos afrodescendentes nas respectivas Instituições Religiosas, Dioceses e Arquidioceses nas quais vivenciavam sua fé.

Fazendo-se uma retrospectiva histórica da luta dos negros nos EUA, vamos constatar que, de cada dez líderes negros norte-americanos, com diferente intensidade na aplicação de sua pedagogia de liderar, nove foram “gestados” nos espaços religioso-cristãos. É o caso do Pastor Luther King, Malcon X e outros grandes exemplos a serem seguidos pela Vida Religiosa, especialmente neste ano de 2015, de revisão de caminhada e retomada do compromisso religioso. Lá nos EUA, a fé vivida intensa e coletivamente pela comunidade afrodescendente fez as estruturas das Igrejas e da Vida Religiosa se colocarem a serviço da causa do povo negro, consciente ou inconscientemente. Na década de 1980 cresceu no Brasil a busca dos afrodescendentes pelos espaços religiosos dentro das tradições cristãs. Com a constatação de que esta foi também uma forte tendência que garantiu conquistas

da comunidade negra cristã norte-americana. *A tendência hoje, ano da Vida Religiosa de 2015, é de retomada e investimento neste caminho? Ou as estruturas e vetustas ideologias contrárias serão as mesmas e, mais uma vez, não irão deixar o novo florescer?* Não temos dúvidas: consciente ou inconscientemente este é o caminho que trará, mais rapidamente, as vitórias que almejamos – uma Igreja e Vida Religiosa sendo fortes instrumentos de Deus na construção da diversidade étnica na Igreja e na sociedade como um todo. Todos os cristãos, brancos e negros, estaremos juntos e em sintonia com as exigências proféticas do Reino de Deus, se optarmos por este caminho! A Igreja deve ser o espelho e exemplo da sociedade que desejamos para nós, uma sociedade do Cristo vivo, do Evangelho que arde nos corações, na fé e na almas de todos os brasileiros, sem qualquer distinção, limitação ou predileção eclesial, senão pela intensidade da força da fé de cada um de nós.

III – A Vida Religiosa, os afro-brasileiros e as religiões evangélicas

É possível um trabalho conjunto da Vida Religiosa Católica com os movimentos cristãos evangélicos negros, em atitude de abertura? Ao se tratar deste tema no Brasil, uma grande pergunta fica no ar: se nos EUA a Igreja Batista foi o principal instrumento que lutou pela libertação dos afrodescendentes, porque, aqui no Brasil, a Igreja Batista não cumpriu o mesmo papel? E os demais evangélicos? Seria fundamental se fazer esta pergunta a todos os nossos irmãos evangélicos. Uma possível resposta seria esta: o poder central batista (que era branco) dificultou, ao longo destes anos, a vinda de Pastores Batistas negros que eram conscientes dos direitos do povo negro. Só enviaram como Missionários para o Brasil pastores e leigos brancos que tinham posturas contrárias ou pouco simpáticas ao investimento na retomada da consciência e dos direitos do povo negro no Brasil. Os poucos negros que aqui vieram como Missionários Batistas não tinham consciência de negritude suficientemente arraigada em suas vidas.

Por volta dos anos 1980 surgem pessoas batistas negras e outros evangélicos que tentavam fazer um trabalho de evangelização com consciência étnica e cientes das necessidades e demandas sociais e religiosas do povo negro do Brasil. Organizavam-se em várias partes do Brasil. No Paraná editavam um informativo impresso com as demandas por evangelização dos batistas negros. Nas assembleias dos Agentes de Pastoral Negros participavam batistas negros e outras denominações.

O Jornal da Igreja Evangélica do Reino de Deus (que tem uma grande tiragem), na edição 304/1998, dedicou uma página inteira ao racismo no Brasil e colocou em debate dois expoentes da reflexão racial brasileira: Aroldo Macedo, diretor da *Revista Raça*, e Ivanir dos Santos, secretário executivo do CEAP-Rio.

A Igreja “Assembleia de Deus” tem tido uma ou outra pessoa atuante e relativamente preocupada com este aspecto da evangelização. O ritmo dos cantos evangélicos adaptado dos ritmos das ricas culturas afros, com letras religiosas, tem sido cada vez mais comum nestas Igrejas e em outras pentecostais que atuam em todo o Brasil. O ritmo do samba, além de ter entrada em várias Igrejas, ocupa boa parte das programações evangélicas nas rádios e televisões no Brasil e conquista grande parte da comunidade negra, inclusive multidões de católicos negros!

O estilo musical gospel (dos negros dos EUA), inclusive com seu visual estético afro, tem ocupado bons espaços nos corais que se apresentam nas igrejas e televisões, caindo de cheio no gosto do povo, e tem sido cada vez mais comum e difundido no Brasil. *Em que podemos aprender com as Igrejas evangélicas, sem nos contagiar com possíveis equívocos?*

Cresceram no Rio de Janeiro, de forma espontânea, relevantes movimentos religiosos através dos encontros de *capoeiristas evangélicos*. Conseguiram reunir pastores e leigos afrodescendentes de várias religiões evangélicas e uniram com qualidade a reflexão evangélica com elementos simbólicos da cultura afro-brasileira.

Nos anos 1990 surgiu, no Brasil, um movimento coletivo de evangélicos afrodescendentes, provenientes de mais de cinco denominações religiosas. Seus objetivos foram o de refletir o Evangelho a partir dos valores culturais; avaliar a prática das Igrejas evangélicas no tocante ao racismo inconsciente ou conscientemente praticado no interior das igrejas; avaliar possíveis passos de avanço que deveriam ser dados, enquanto negros e evangélicos etc. Tiveram algumas dificuldades institucionais para manter esta novidade profética e dar continuidade a este valor do Reino de Deus. *Por que tudo para o povo negro é mais difícil?*

Entre as Igrejas evangélicas, a que teve um trabalho de negritude razoável foi a Metodista. Conseguiram elevar à categoria de *ministério* o trabalho de luta contra o racismo, surgindo assim oficialmente o Ministério de Combate ao Racismo da Igreja Metodista. Realizam cursos, encontros, seminários etc. Já promoveram alguns encontros de pastores evangélicos negros metodistas. Num dos Concílios, a Igreja aprovou que todas as instituições de ensino do 1º, 2º e 3º graus pertencentes à instituição deveriam dar prioridade na concessão de bolsas de estudo a estudantes afrodescendentes e mulheres. Infelizmente a cúpula da Instituição, percebendo o avanço deste povo de Deus, “cortou as asas de cada líder”, e os trabalhos arrefeceram quase completamente.

Na década de 1980 um grupo de 16 pessoas, afrodescendentes, que eram metodistas, batistas e católicas, organizou um grupo de estudo, com apoio do ISER (Instituto Superior do Estudo das Religiões), com o objetivo de se produzir uma “Teologia Negra de Libertação” a partir dos líderes populares dos movimentos sociais negros. O grupo encontrava-se dois dias integrais por mês, com o intuito de estudar e debater as questões comuns à comunidade afrodescendente cristã em geral, a partir do prisma da Teologia da Libertação. As reuniões aconteceram, em sua maior parte, nas dependências da Faculdade Metodista Bennett, próximo ao Largo do Machado, na cidade do Rio de Janeiro. O primeiro negro doutor em Teologia no Brasil, desta nova geração, Geraldo da Rocha, foi participante deste grupo experimental.

Um dos momentos de auge dos metodistas negros aconteceu no dia 28 de junho de 1997, quando o Ministério Regional de Combate ao Racismo da Igreja Metodista realizou um importante encontro no Rio de Janeiro, cujo título foi: “Como a Igreja combate o racismo”?

IV – Como a Vida Religiosa e a Igreja trataram os negros nestes 515 anos?

Em 1994 estávamos preparando fundamentadas pesquisas para trabalhar, com bons conteúdos, a celebração dos 300 anos do martírio de Zumbi dos Palmares. Decidi buscar resposta para uma pergunta: *como a Vida Religiosa tratou os quilombolas do Quilombo dos Palmares, em 1690?* Fui pesquisar em Recife, Pernambuco, com esta pergunta bem definida. Tinha uma expectativa de encontrar posturas corajosas, no estilo de Francisco de Assis, que foi até o Sultão em busca da paz. O que encontrei deixou-me chocado: uma carta do Guardião do Convento Franciscano de Recife, cobrando do governador da época os salários dos doze frades colocados a serviço das tropas que foram destruir os Quilombos dos Palmares e matar os quilombolas. *Quais as responsabilidades e os compromissos que esta descoberta traz a nós, continuadores da Vida Religiosa no Brasil de hoje? Neste ano de 2015 celebramos o ano da Vida Religiosa. Sem sinais vivos de reparação e mudança de atitude, é possível fazermos celebrações autênticas?*

Nestes 515 anos de Vida Religiosa e evangelização, o não reconhecimento dos direitos do povo negro passou por várias etapas. No que se refere à postura religiosa e eclesial, tivemos tempos de profunda opressão, quando a Vida Religiosa e a Igreja assumiram papéis totalmente identificados com o colonizador/opressor, e também momentos em que a Vida Religiosa e a Igreja voltaram-se para a realidade social e identificaram-se com este povo de Deus, solidarizando-se com o oprimido, assumindo que este tinha o rosto de Deus e marcadamente negro e indígena!

Para compreendermos a postura omissa da Vida Religiosa e da Igreja hoje, podemos e devemos olhar para a história.

Ao longo destes séculos, a Vida Religiosa e os católicos, e todos os cristãos, foram influenciados e formados por quatro projetos de evangelização. São eles:

Primeiro projeto

No período colonial, entre os anos de 1500 e 1842, a proposta deste projeto era a de promover a fé cristã, baseada na leitura do Evangelho a partir da ótica do opressor, tendo como foco a cultura europeia. Sendo assim, tudo o que se originava da cultura negra era menosprezado pela cultura branca dominante. O lugar ocupado pelo negro era o de escravo e a escravidão roubava do negro o direito de constituir família, de vivenciar suas tradições culturais, de resgatar suas raízes e possuir os direitos iguais aos demais cristãos.

Este projeto, do ponto de vista do colonizador, era anunciado como sendo a grande Boa-Nova, mas, da ótica do povo escravizado e oprimido, significava *má notícia*: a extinção dos seus direitos de cidadãos, de seus valores culturais, religiosos e humanos.

Infelizmente, a Vida Religiosa e a Igreja estabeleceram um forte vínculo com o Império, no sentido de ratificar esta proposta ante-evangelizadora. Elas não tinham como foco a dimensão libertadora e salvífica, trazidas por Jesus Cristo. Preocupavam-se com os privilégios obtidos para a Vida Religiosa e para a Igreja a partir desta parceria. Em outras palavras: a Igreja apoiava o Império nas lutas armadas contra os escravizados negros e outros invasores de diferentes culturas e religiões. A Vida Religiosa e a Igreja investiram numa “Cruzada” de destruição dos Quilombos dos Palmares, no assassinato de Zumbi, além de estar conivente com o assassinato de todas as demais lideranças do povo negro, nos quatro cantos do Brasil. Um dos exemplos foi o julgamento injusto do líder Manoel Congo, que fez uma forte revolta nos engenhos da cidade de Vassouras, Rio de Janeiro, fundando um Quilombo que foi rapidamente exterminado pelo falso herói Nacional Chamado Duque de Caxias. Manoel Congo foi enforcado no dia 6 de setembro de 1839. A Igreja limitou-se a designar um religioso para legitimar o

enforcamento, dando-lhe a extrema-unção. Todos os líderes do povo negro que lutaram contra a escravidão e libertação de seu povo foram dizimados para intimidar o surgimento de novas lideranças. Hoje, alguns religiosos mal informados têm a coragem de dizer que o negro não lutou contra a escravidão. O Império concedia à Igreja poder e *status* para que esta também pudesse influenciar politicamente nos rumos do país e ajudar na manutenção da escravidão.

Segundo projeto

No segundo projeto, denominado romano-europeu, a partir de 1842 até 1968, a luta era pela retomada da europeização da Vida Religiosa e da Igreja no país, e isto significava combater as irmandades e todas as organizações leigas. Passar por cima dos grupos e das culturas consideradas inferiores, a fim de que prevalecesse o processo de ocidentalização. Para isso, abrem-se as portas para os imigrantes europeus, ao mesmo tempo em que se busca a perseguição e eliminação dos quilombos, pelo perigo que eles representavam ao projeto de europeização do país e da América Latina. Os negros, neste caso, só teriam vez se entrassem no esquema da europeização, que tinha como um de seus instrumentos a ideologia do embranquecimento. Os negros que procuravam defender sua cultura, principalmente através da vivência da fé nas religiões afro (um dos poucos espaços de resistência), eram impiedosamente perseguidos e mortos. Foi nessa fase que a ideologia dominante determinou que as religiões afro fossem coisas do demônio e proibidas de funcionar.

Os colonizadores e missionários europeizavam/catequizavam negros e índios, e aqueles que se rebelavam eram massacrados pelos colonizadores sem a defesa da Vida Religiosa ou da Igreja, que silenciavam. No máximo, iam ministrar o sacramento da extrema-unção para os injustamente condenados à morte.

Ainda fazendo referência à ideologia do embranquecimento do país, proibindo a entrada de negros e só permitindo brancos, lembramos o Decreto n. 7.967, artigo n. 2, de 18 de setembro de 1945, assinado pelo então Presidente

Getúlio Vargas, que diz: “Atender-se-á, na admissão dos novos imigrantes, a necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência europeia, assim como a defesa do trabalhador nacional”.

Em 1960, com a Lei Afonso Arinos, que punia todas as atitudes de discriminações raciais, as Congregações Religiosas do Brasil, por pressão do advogado da CRB Nacional, começaram a tirar de seus estatutos e normas internas a proibição de se permitir a entrada de negros(as) e mestiços(as) na Vida Religiosa.

Terceiro projeto

A partir de 1968, com a Conferência de Medellín e Puebla, a compreensão de Vida Religiosa em missão profética consistia em trabalhar a evangelização baseada na situação concreta e histórica do povo oprimido, afirmando e defendendo que este era o verdadeiro rosto de Deus, configurando, assim, o terceiro projeto de evangelização.

Concluíram que este povo oprimido reúne principalmente negros/as e índios, entre o grande volume de marginalizados. Foi então que começaram a surgir os grupos de base formados por negros católicos, que em 1980 fundaram articulações de negros(as) católicos(a) em todos os seguimentos. A Articulação dos Franciscanos Negros desembocou na luta tenaz pelas Ações Afirmativas e cotas nas universidades brasileiras, uma das principais conquistas do povo negro nos últimos 150 anos!

Depois de um grande trabalho de pressão da base negra católica, formada em grande parte por Religiosas e Religiosos negros/as, a CNBB assume na Campanha da Fraternidade de 1988 o tema: “A fraternidade e o negro!”, graças à grande mobilização dos grupos pastorais negros de base. Esta iniciativa projetou o trabalho dos negros católicos no sentido de conquistar um espaço para levar toda a sociedade a refletir sobre a condição socioeconômica sub-humana de homens e mulheres negros excluídos institucionalmente dos espaços de decisão da sociedade e da Igreja.

Quarto projeto

Finalmente, a proposta do “quarto projeto de evangelização” é o que se tem de mais recente no tocante à postura da Igreja em relação às questões raciais. O retorno ao conservadorismo e a valorização da oração *sem o compromisso da ação* enquanto escolha mais eficaz para a solução dos problemas começam a ganhar mais impulso. A tendência dos grupos de base foi de esmorecimento quase total. Alguns têm optado por realizar trabalhos mais internos, na tentativa de não perder os espaços já conquistados anteriormente. O projeto latino-americano perde sua força à medida que os agentes negros que tiveram um bom “pique” no começo perderam-se no caminho, com conflitos onde o negro era visto como o “revoltado”. Os negros católicos comprometidos, principalmente religiosos e religiosas, tentam trabalhar a causa do negro fora da Igreja. Focam na luta por políticas públicas, contra a continuação da discriminação racial, através dos veículos de comunicação, de iniciativas junto ao poder público, atuando também junto ao processo educacional, no sentido de promover a cultura negra e de conscientizar a partir da compreensão da unidade respeitando a diversidade.

V – Como os negros católicos organizaram-se nestes 515 anos?

A organização religiosa só é possível se plena na liberdade. A primeira grande experiência de liberdade religiosa foi experimentada nos quilombos reunidos dos Palmares. A comunidade quilombola, por ser radicalmente livre do domínio do pensar político e religioso dos colonizadores, tinha total liberdade e motivos para rechaçar a influência da Igreja Católica e todos os seus símbolos religiosos. No entanto, não foi isto que aconteceu. O povo quilombola foi capaz de distinguir os valores religiosos emanados dos Evangelhos, tais como a justiça, o respeito à diversidade que trazia a Igreja Católica, da prática dos que se diziam “donos” da fé católica.

Os quilombolas naquele novo espaço de liberdade poderiam fechar-se somente em sua compreensão religiosa

tradicional africana. Entretanto, eles sabiam diferenciar Jesus Cristo e seu Evangelho da prática dos cristãos colonizadores em terras brasileiras. *Os quilombolas reprovavam a prática religiosa dos cristãos*, pois não valorizava a justiça e o respeito ao diferente, mas, por outro lado, souberam perceber o potencial libertador trazido por Jesus e seu Evangelho, e o abraçaram. Na guerra contra os palmarinos, em 1645, chefiado por Blaer-Reijembach, o escrivão da tropa invasora relata que encontrou no centro do Mocambo Grande Palmares uma casa religiosa, com imagens de santos católicos, entre elas a imagem do Menino Jesus, e ricamente adornadas com objetos religiosos africanos. A inculturação, tão discutida hoje na Vida Religiosa e na Igreja, já era algo normal, praticada no espaço de liberdade chamado *Quilombo*. Os sacerdotes eram escolhidos entre os mais capazes, que possuíam espírito de liderança, sabedoria e profundo conhecimento da natureza. A intimidade com o Deus Pai Todo-Poderoso, chamado de *Olorum – Olo + Orum* (senhor do orum, ou seja: senhor de todos os espaços terrestres e celestes), era a principal qualidade nos sacerdotes. Já entendiam como normal e natural o sacerdócio casado, bem como o sacerdócio feminino, dimensões ainda hoje, em pleno século XXI, negadas pela principal religião ocidental.

VI – Conclusão

A Campanha da Fraternidade de 2015 tem como tema: “Igreja e sociedade”. Como está abordando a exclusão dos negros? Em 2018 a CNBB irá comemorar os 30 anos da primeira Campanha da Fraternidade sobre o negro. Solicitamos à CNBB que assuma naquele ano o tema “A fraternidade e o negro”, em uma atitude de revisão e conversão da Igreja e da Vida Religiosa. De lá para cá, o que mudou dentro da Igreja? Uma liturgia inculturada afro foi oficializada?

O maior espetáculo da terra, o carnaval brasileiro e mais especialmente os desfiles das escolas de samba, traz dicas de como a Igreja deve se inculturar. Como exemplo, vamos ler a letra do samba enredo da escola de samba Imperatriz Leopoldinense, do carnaval de 2015 e vamos nos perguntar: *é ou não uma proposta de reflexão que poderia partir da Vida Religiosa ou da Igreja?* E por que não parte? Vejamos:

Axé, Nkenda! Um ritual à liberdade

(E que a voz da Igualdade seja sempre a nossa voz!)

Foi um grito que ecoou, “Axé-Nkenda”!
 A luz dentro de você... acenda!
 Nada é maior que o amor, entenda.
 A voz do vento vem pra nos contar
 que na mãe África nasceu a vida,
 pura magia, “baobá” abençoado...
 tanta riqueza no triângulo sagrado...
 Mistérios! Grandeza!
 O homem em comunhão com a natureza!
 Tristeza e dor,
 na violência pelas mãos do invasor
 e o mar levou.
 Nossa cultura um novo mundo encontrou.
 Põe pimenta pra arder, arder, arder!
 Sente o gosto do dendê, o iaiá, oyá.
 Tem acarajé no canjerê,
 tem caruru e vatapá (é divino o paladar).
 Capoeira vai ferver! Vem ver! Vem ver!
 Abre a roda que ioiô quer dançar... sambar...
 Traz maracatu, maculelê...
 É festa até o sol raiar.
 Liberdade!
 Sagrada busca por justiça e igualdade
 e com arte eu semeio a verdade,
 o despertar para um novo amanhecer.
 Faço brotar a força da esperança,
 deixo de herança um novo jeito de viver!
 Vamos louvar o canto da massa,
 unindo as raças pelo respeito.
 Vamos à luta pelos direitos,
 uma “banana” para o preconceito.
 “Mandela”! “Mandela”!
 Num ritual de liberdade
 lá vem a Imperatriz! Eu vou com ela,
 eu sou “madiba”! Sou a voz da igualdade.

Bibliografia consultada

- CHIAVENATO, J. J. *O negro no Brasil: da senzala à guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- CNBB, *Têxto Base da Campanha da Fraternidade*, 1988.
- COMISSÃO DE RELIGIOSOS, seminaristas e padres negros. *Ouvi o clamor deste povo... negro*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- CONVERGÊNCIA, n. 287, p. 583-585, nov. 1995.
- CRÔNICAS do Convento de São Francisco. São Paulo, 1904. livro 1, p. 2.
- DOCUMENTO FINAL do I Encontro de Padres e Bispos Negros do Brasil.
- DOCUMENTO FINAL do I Encontro dos Franciscanos Negros do Brasil. *SEDOC* 20, maio/jun. 1988.
- FRAGOSO, Frei Hugo. Uma dívida para com os negros do Brasil. *Revista de Cultura Vozes*, ano 82, n. 1.
- HOORNAERT, Eduardo. Padres e escravos no Brasil Colônia. *Vida Pastoral*, jan./fev. 1988.
- LAS CASAS, Bartolomé de. *O paraíso destruído: a sangrenta história de conquista da América Espanhola*. Porto Alegre, 1984.
- MOORE, Carlos. *Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para se entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza Edições Ltda., 2007.
- OLIVEIRA LUZ, Marco Aurélio. *Agadá: Dinâmica do processo civilizatório negro no Brasil*. Tese de Doutorado em Comunicação da UFRJ, 1988.
- OSSERVATORE ROMANO, 01/03/92.
- PINAUD, João Luiz et al. *Insurreição negra e justiça*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1987.
- RELATÓRIO de atuação dos Agentes de Pastoral Negros em preparação à CF de 88. Elaboração de Padre Jurandir (salesiano).
- RELATÓRIO sobre a presença e atuação de APNs na Diocese de Duque de Caxias. Arquivos pessoais do Frei David.
- RODRIGUES, J. H. *Brasil e África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 121.
- SETE ATOS OFICIAIS que decretaram a marginalização do negro no Brasil. *Convergência*, n. 284, jul./ago. 1995.
- SILVA, Edson. 500 anos de pena de morte. *REB*, n. 51, p. 175-188, mar. 1991.
- UMA CONTRIBUIÇÃO ao debate em torno do rito católico afro-brasileiro. *Convergência*, n. 284, p. 418-421, jul./ago. 1995.

- VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados*. São Paulo: Campus, 1989. p. 364.
- VV.AA. *A pastoral entre Puebla e Santo Domingo I: tensões e mudanças na década dos anos 80*. Petrópolis:Vozes, 1997.
- VV.AA. *Brasil, assumo o seu rosto!* Edição independente, 1989.
- VV.AA. *Negros no Brasil: dados da realidade*. Petrópolis:Vozes/Ibase, 1989.
- ZWETSCH, Roberto E. (org.). *500 anos de invasão: 500 anos de resistência*. São Paulo: Paulinas, 1992.

Uma VRC alegre em meio às novas pobreza!

IRMÃ ANNETTE HAVENNE*

As perspectivas a respeito deste tema de reflexão já começam com o título:

Uma Vida Consagrada alegre em meio às novas pobreza.

Uma Vida Consagrada alegre em meio às novas pobreza?

Uma Vida Consagrada alegre em meio às novas pobreza!

Afirmção tranquila, questionamento honesto e provocador, desafio de uma proposta estranha, mas possível, embora contracorrente? Optei pela terceira proposta e fui colocando um ponto de exclamação, ou de admiração!

Nesse ponto de exclamação vai o fruto de experiências pessoais – sempre limitadas –, mas também da escuta e do diálogo com um bom número de religiosas e religiosos, nas várias etapas da sua vida, caminhada vocacional e missão.

São estas experiências que quero retomar, é esta alegria, ou ausência de alegria na VRC,¹ que desejo compreender, sem me deter na análise do que vem a ser as novas pobreza, o que nos levaria a outra perspectiva interessante, embora além das minhas competências e dos limites deste artigo.

Ao limiar da nossa reflexão, há, portanto, a provocação dirigida à VRC pelo Papa Francisco: “Queria dizer-vos uma palavra e a palavra é alegria. Onde estão os consagrados, os seminaristas, as religiosas e religiosos, os jovens, há sempre alegria, há sempre júbilo”.² Será? Vamos nos deixar questionar?

* **Irmã Annette Havenne** faz parte da Congregação das Irmãs de Santa Maria. Nascida na Bélgica, desde de 1976 vive em comunidades de inserção no Nordeste do Brasil. Exerce seu ministério na área da formação, acompanhamento espiritual e assessoria junto à CRB. **E-mail:** Annet-teism2@gmail.com.

1 VRC: Vida Religiosa Consagrada.

2 *Alegrai-vos, ano da VC*, Carta circular aos consagrados e consagradas, 12.

1. Alegria, que alegria?

Em boa metodologia, deveríamos aqui afinar o conceito de alegria: sua semântica, suas raízes bíblicas, suas conotações na *Evangelii Gaudium*,³ mas, como outros artigos desta revista já cuidaram ou ainda vão cuidar disso, vamos simplesmente indicá-los com referência. Seguirei outra pista, partindo do nosso chão, o Nordeste do Brasil. Sem muita pretensão, desejo partilhar água do nosso próprio poço.

2. Momentos de alegria... somente?

Meses atrás, eu me encontrei, para quatro dias de curso, com um grupo de jovens consagradas e consagrados, em preparação para o compromisso definitivo, e o tema era seguimento de Jesus. À queima-roupa, perguntei a eles: “Vocês são felizes na VRC?”. Perplexidade nos rostos, silêncio e, finalmente, uma resposta: “Experimentamos momentos de felicidade!”. Uma resposta bem pós-moderna! “Podem lembrar-se de alguns momentos de grande alegria na sua caminhada?”. Houve um tempo de reflexão em grupos e um plenário.

As respostas indicam polos fortes que partilho a seguir, conservando as expressões usadas por elas e eles:

- A missão: ir aos mais distantes e esquecidos, ver seus rostos transfigurados no final dos encontros, sentir o quanto o povo confia em nós, visitar as casas, escutar, perder tempo com pessoas humildes, ser presença que faz diferença, evangelizar!
- A fraternidade: a comunidade, a refeição, a oração em comum, a partilha sincera, as relações da comunidade com o povo, a CRB, as experiências de intercongregacionalidade, a alegria dos coirmãos quando passei no vestibular, os encontros de formação. Mesmo em meio a dificuldades, conflitos, crises pessoais, a doação em prol do mesmo objetivo, o ânimo diante das adversidades. As festas dentro da caminhada vocacional: festa de envio da paróquia de origem para a congregação,

3 *A alegria do Evangelho*, Exortação apostólica do Papa Francisco.

festa de profissão, encontros da minha família com a congregação.

- A espiritualidade: a experiência de orar, permanecer com Jesus, acolher e viver sua Palavra, a Eucaristia, o sentido e o desejo de doar a vida, a afinidade com o carisma.

Como o grupo estava trabalhando dentro da dinâmica do núcleo identitário da VRC – mística, missão, comunidade –, fomos dar uma olhada nestas três componentes e logo vi brilhar os olhos destas/es jovens, e veio outra alegria mais genuína: nossas alegrias têm tudo a ver com a identidade da VRC, elas confirmam nossa opção!

Depois seus rostos ficaram sérios e surgiram questionamentos:

- Estas são as respostas que se esperam de bons religiosos e religiosas. Será que fomos totalmente transparentes?
- Estas alegrias têm fonte mística ou são sinais de atuais realizações humanas?
- Elas bastam para assegurar nossa felicidade ao longo da vida?
- E se a gente for desencantando-se no caminho, o que nos resta?
- E os sofrimentos, como vamos integrar e ressignificar?

Convidados a um momento de oração pessoal diante destes questionamentos, voltaram com intuições fundantes:

- Se o foco não for Jesus, a opção decisiva por ele não vai!
- É a paixão por Jesus e pelo povo que perpassa e dá sentido! Sem intimidade com ele, não dura!
- A alegria vem de Deus e precisamos estar em atitude de acolhida!
- Tem tudo a ver com a vivência dos valores do Reino, das bem-aventuranças. Às vezes é uma alegria de cabeça para baixo, contracorrente!

Eu também senti alegria profunda, foi um momento mágico, como se a gente vislumbrasse por um instante quanto

a VRC pode ser bela, boa e verdadeira. Quando vivida na sua autenticidade, ela vale a pena!

Retomando estes elementos, é interessante lembrar Viktor Frankl, dos valores que segundo a logoterapia dão sentido e alegria à vida humana: valores de criação, valores existenciais, valores de atitudes. Lembrar também uma das suas alertas, no prefácio da edição de 1984, à sua obra *Em busca de sentido*: “Não procurem o sucesso. Quanto mais o procurarem e o transformarem num alvo, mais vocês vão errar. Porque o sucesso, como a felicidade, não pode ser perseguido; ele deve acontecer, e só tem lugar como efeito colateral de uma dedicação pessoal a uma causa maior que a pessoa, ou como subproduto da entrega pessoal a outro ser”.⁴

3. Ladrões de alegria

Voltemos aos meus jovens interlocutores, preparando-se para votos definitivos na cultura do descartável! Ainda lhes perguntei: o que nos rouba a alegria, o que rouba a alegria da VC?

E recebi uma enxurrada de respostas, demonstrando experiência desta realidade! De novo, transcrevo respeitando as expressões usadas por elas e eles:

- Coisas do mundo lá fora, que moram cá dentro da gente: consumismo, individualismo, apegos, desconfiança, desejo de ser o centro, egoísmo, desânimo, tédio.
- Atitudes que nos fazem sofrer, mas que nós também temos tentação de lançar mão nas relações: autoritarismo, sede e mau uso do poder, cobranças, mentiras e fofocas, interpretações mesquinhas, falta de compromisso, de responsabilidade, fechamento, chantagem, arrogância.
- Dispersão e distanciamento da nossa identidade específica.
- Falta de sentido, de esperança, de fé, de oração, de olhar contemplativo, rejeição da cruz, do sacrifício, falta de qualificar os votos como um caminho positivo de libertação para amar mais.

4 FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido*. Prefácio da edição de 1984.

- Medo do novo, saudosismo, perfeccionismo, idealismo, expectativas desmedidas...
- Crises mal gerenciadas e vividas na solidão, sem partilhar nem buscar ajuda.
- Tentações, inseguranças quanto ao futuro.

Cada um de nós pode continuar a lista com seus pequenos ladrões de estimação!

4. Indo às fontes da alegria autêntica...

Onde então iremos encontrar as fontes de água pura, de água “fina”, como se diz no sertão nordestino? Ou melhor, como voltar para estas fontes das quais já bebemos? Pois, caso contrário, nós não iríamos sentir saudade delas!

Um primeiro passo seria parar e silenciar para rever os caminhos que trilhamos em busca da alegria-felicidade-realização.

O mundo da comunicação virtual está cheio de receitas para conseguir o elixir da alegria! Até dá a impressão de que estamos passando rapidamente da geração do paracetamol para a geração da pílula da alegria! (Sem desfazer destes remédios e do seu uso criterioso!)

A título de exemplo seguem duas informações colhidas ultimamente na internet:

Cientistas britânicos descobrem a equação matemática da felicidade!

De acordo com a pesquisa, em que voluntários realizaram tarefas com recompensas monetárias, a sensação de felicidade aconteceu quando conseguiram desempenho melhor do que o esperado diante de riscos/recompensas! Eu lhes poupo da equação matemática... e peço permissão para continuar a busca por outras águas!

Dez profissões que garantem um bom salário sem muita dor de cabeça!

Na lista, e não é grande surpresa, aparecem tipos de trabalhos onde as pessoas se envolvem com máquinas, sozinhas,

de preferência em casa ou num laboratório, sem precisar lidar com relações humanas, sempre estressantes e espinhosas! E minha pergunta volta, insistente: será só isso? Ou tem algo mais?

Não podemos negar que por trás de manchetes sensacionais há leis psicológicas relevantes na conquista da felicidade, como a importância de ter um objetivo e motivação clara para alcançá-lo. Ou a necessidade de enfrentar riscos na realização dos seus projetos. E ainda o desgaste que ameaça os profissionais do cuidado para com outros seres humanos, ou até o simples peso humano de conviver com pessoas complicadas, “a começar por mim”!

Mas precisamos cavar mais para encontrar o lençol freático de onde jorra a alegria que vem de dentro, aquela que os gregos chamavam de entusiasmo: presença, fogo divino dentro da gente! Um pouco ou muito diferente da sensação de prazer, satisfação ou euforia corriqueiros e tão badalados. Muito diferente da sensação de derrota, pessimismo e morte que às vezes assola nossas almas e reuniões!

Vejam o palpite de Jeremias: “Vocês abandonaram a mim, a fonte de água viva, e cavaram para si cisternas rachadas que não seguram água!” (Jr 2,13).

Embora tenhamos no sertão e na região do semiárido a mística da cisterna, menina dos olhos da casa rural, lembremos que ela é alimentada pela água de chuva que precisamos aprender a recolher, guardar e preservar da poluição!

Vida Religiosa Consagrada, você está centrada na sua identidade? Você vigia para não deixar apagar a chama do primeiro amor? Você cultiva a experiência de Deus na monotonia do cotidiano “tão sem graça”, onde se encontra, porém, o segredo de uma formação que se quer permanente? Você se abre por dentro para receber as primeiras chuvas que acordam as sementes adormecidas? Você experimenta a alegria de despertar outros?

5. Por que então tanta tristeza?

Sim, porque tanta tristeza, falta de vigor ou de vibração? (Não falo de celular!). Se a plantinha da VRC continua autêntica, saudável, pode ser que o problema esteja no bioma onde ela tenta sobreviver e dar novos brotos?

Más línguas dizem que VRC nasce profética e morre institucionalizada... Longe de mim a atitude fácil demais de acusar a instituição de todos os males que nos perseguem. Mas é preciso reconhecer que às vezes ainda carregamos pesos inúteis, contraprodutivos, que nos afastam da leveza e da alegria evangélica. Ainda nos arrastamos muitas vezes pela lógica do dever e das energias amarradas, quando poderíamos recuperar energias autônomas para *escolhermos* ser simplesmente o que somos e fazer o que somos boas ou bons para fazer, como Vida Consagrada, tranquilamente. Sim, a leveza institucional tão almejada começa dentro de cada um de nós, quando decidimos migrar do nosso pequeno eu “metido em encrencas” para o lugar do coração, das relações, do amor de cuidado! Somente pessoas leves podem devolver leveza a velhas instituições solenes ou rígidas demais! Como o dizia uma jovem religiosa no final de um retiro, algumas semanas atrás: “Entre o meu chamado à Vida Consagrada e a instituição, eu escolho... aprender a integrar os dois, porque agora quero ser realista sem perder meu primeiro amor, nem a minha primeira alegria!”

6. Em que ecossistema nascemos?

Mas, quando falo em bioma, penso muito além das grades e mazelas institucionais, penso no chão onde a VRC, e especialmente a VC apostólica, nasceu. E de novo me inquieto a frase lapidar de Jon Sobrino, numa entrevista à IHU:⁵ “Absoluto é Deus, coabsoluto são os pobres”.

Vida Religiosa Consagrada, você ainda está conectada com a sua matriz, os empobrecidos? Você se conecta com o “heartbook”⁶ dos gritos da humanidade que foram seu berço, ou está apenas se produzindo no “face”? Você se deixa questionar pelas novas pobreza?

5 Instituto Humanistas Unisinos, entrevista de setembro de 2012.

6 Livro dos corações, em oposição ao livro das faces!

Cada vez que no decorrer da história a VRC se afastou dos empobrecidos, ela se deu mal. Cada vez que ela volta a se solidarizar com os menores e com as periferias e fronteiras existenciais, seu carisma ressurgiu. E quando digo ir e se solidarizar não estou falando apenas de fazer, mas principalmente da conversão do coração e também do estilo de vida! Há uma “simplicidade voluntária” que nos faz redescobrir nosso centro vital, que pinga um colírio no nosso olhar embaçado e que traz a irmã alegria de volta para nossas comunidades!

7. E se a gente relesse as parábolas do Reino?

Sem dúvida, trata-se de um lento processo de transformação, e não de uma mudança mágica. As parábolas do Reino estão lá para nos ajudar a entender como ele cresce silenciosamente “por si mesmo” (Mc 4,28).

Penso que há uma relação profunda entre estas parábolas e a VRC, que elas são oferecidas como inspiração fundante aos simples e pobres de coração com quem queremos nos identificar, redescobrimos a esperança e alegria de viver e de evangelizar. Cavar as parábolas do Reino, vale dizer, buscar sinais de vida e esperança, pois aqui temos imagens de transformação que primam pela vitalidade! Elas são uma mina para o cotidiano da missão.

Primeiro a categoria na qual elas se movem. Não a do fracasso e do sucesso sempre relativos, mas a do dar frutos! O que imediatamente convida a uma mudança de avaliação e um redimensionamento das frustrações! Vamos tentar uma leitura orante nesta perspectiva, em busca da alegria que tem cheiro diferente e inesperado, cheiro do Reino, cheiro real!

8. Uma leitura orante

- Parábola do tesouro (Mt 13,44): “Cheio de *alegria*, ele vai, vende todos os seus bens e compra o campo”. Alegria que vem do arriscar, despojar-se de tudo pelo valor maior, o essencial.

- Parábola do ovelha perdida (Lc 15,6): “Alegrai-vos *comigo, encontrei a ovelha perdida!*”. Alegria que vem do amor de cuidado, ameaçado, preocupado com o outro, mas que vale a pena.
- Parábola da moeda perdida (Lc 15,9): “Alegrai-vos *comigo, encontrei a moeda perdida!*”. Alegria que vem da busca de valores dentro de nós, que também vale a pena!
- Parábola do parto (Jo 16,21): “Quando a criança nascer, a mulher fica *alegre*, por ter gerado um ser humano”. Alegria que vem da dor, da luta sofrida para que haja vida, fecundidade, um futuro de esperança.
- Parábola do Pai amoroso (Lc 15,32): “Era preciso festejar e *nos alegrar*, pois esse teu irmão estava morto e reviveu!”. Alegria de refazer laços quebrados, de entrar e sair na liberdade do amor.
- Parábola do servo fiel (Mt 24,46 e 25,21.23): “Servo bom e fiel, entre na *minha alegria! Feliz* o servo a quem o dono de casa, ao chegar, encontrar assim!”. Alegria da fidelidade, convidada a entrar na intimidade da casa e na alegria do Pai!
- Parábola da videira (Jo 15,5.11): “Eu sou a videira e vocês os ramos. Disse isso para que *minha alegria* esteja em vós e a *vossa alegria* seja plena”. Partilha da alegria do próprio Jesus!

Deixemos que estas sementes do Projeto-já-em-ação de Deus encontrem abrigo em nosso coração e despertem devagar, regadas à oração e partilha fraternal! Tomemos, a partir de agora, hábitos de alegria e felicidade que permitam o crescimento da plantinha de mostarda!

Portanto, nada de azedume e amargura diante das coisas que não deram certo ou já não servem mais... diante das perdas ou decepções, aparentes fracassos ou projetos abortados.

Antes, deixemo-nos provocar: por que não continuar a lista com nossas próprias parábolas, cheias de estranhas alegrias de cabeça para baixo, tão próximas das bem-aventuranças? Por que não acordar o povo com essas pérolas de

profecia-sabedoria que jorram do cotidiano, do baú da Vida Consagrada, da sua história e do seu carisma, das suas velhas e novas experiências?

9. Terminando sem concluir, com um profeta nordestino...

Que sirva de convite à criatividade e de palavra inicial e não final a tocante parábola da Cana, fruto da vida e da saborosa meditação do poeta e profeta nordestino:

Pessoas Cana-de-açúcar
são aquelas que, mesmo sendo moídas,
esmagadas e espremidas pelas circunstâncias da vida,
só sabem dar o melhor de si: doçura.

(Dom Helder Camara)

No Ano da Vida Consagrada, Maria é o modelo de entrega e fidelidade

IRMÃ MARIA HELENA TEIXEIRA*

Na Anunciação, a obediência da fé

Maria é a Virgem da escuta, que acredita que a palavra se revela, se manifesta, se faz carne. Ela sabe que mais cedo ou mais tarde o Messias virá para redimir a humanidade.

A pobreza é o sinal mais eloquente do amor do Senhor. Maria, a bem-aventurada, é totalmente aberta ao Amor.

No momento decisivo da Anunciação, Maria respondeu a Deus com a *obediência da fé*. A Anunciação é para Maria, segundo o Evangelho de Lucas, um momento de revelação, de autocomunicação de Deus. O mensageiro de Deus anuncia a Maria a identidade do filho do qual ela será mãe e ao qual porá o nome de Jesus: o anjo lhe diz que “o Senhor Deus dará ao menino o trono de Davi, seu pai”, e que ele “reinará sobre a casa de Jacó pelos séculos dos séculos e seu reino não terá fim” (Lc 1,32-33). Esta era a expectativa do povo de Israel. “O Messias prometido deve ser grande e o mensageiro celestial anuncia efetivamente que ele ‘será grande’, tão grande como o nome do Filho do Altíssimo, apto a assumir a herança de Davi. Portanto, ele deve ser rei e reinar na casa de Jacó” (RM, 15).

O Papa pergunta se Maria, que havia crescido dentro dessa expectativa de seu povo à espera de um Messias rei, podia intuir, no momento da Anunciação, qual o significado preciso das palavras do anjo, ou como poderia entender aquele reino que não teria fim (RM, 15). Certamente, o texto de Lucas é mais teológico do que biográfico; não pretende expor diretamente as reações psicológicas de Maria

* **Irmã Maria Helena Teixeira** é missionária do Santo Nome de Maria. É graduada (bacharelado) em Teologia, em Ciências da Religião, em Filosofia e Psicologia Aplicada. É pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Metodologia da Catequese. Foi professora de Ética no curso de Teologia da Faculdade Hockmâm, e de Moral Filosófica e Lógica na Faculdade Evangélica do Médio Norte (FAEME), de 2006 a 2010. Foi coordenadora pedagógica e professora de Cristologia, História da Igreja, Mariologia, Metodologia do trabalho científico e Espanhol do Instituto de Teologia de Parintins - AM, e coordenadora das Pastorais - Diocese de Parintins (2004-2010). Foi professora de Psicopedagogia e Psicomotricidade do Centro de Ensino Superior do Baixo Amazonas (CESBAM), de 2009 a 2010. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Psicopedagogia. Foi professora do curso de Teologia para Leigos da Arquidiocese de Maringá (CEPA).

no momento da Anunciação. O texto deve ser lido à luz da experiência da Páscoa, sob a chave do messianismo pascal. Não interessa muito o momento cronológico no qual chegou a Maria essa revelação, mas principalmente o fato de que Maria se viu confrontada com ela e lhe deu uma resposta de fé. “Maria sabe que aquele que tem o nome de Jesus foi chamado pelo anjo Filho do Altíssimo. Ela sabe que o concebeu e lhe deu à luz sem conhecer um varão, por obra do Espírito Santo, com o poder do Altíssimo que sobre ela estendeu sua sombra, assim como a nuvem revelava a presença de Deus nos tempos de Moisés. Portanto, Maria sabe que o Filho, dado à luz virginalmente, é precisamente aquele Santo, o Filho de Deus, do qual lhe falou o anjo” (RM, 17).

Portanto, a Anunciação, tal como a apresenta Lucas, à luz da Páscoa, é um momento de autorrevelação de Deus. Maria é introduzida na radical “novidade” do mistério. Um mistério que vai se densificando e manifestando cada vez mais ao longo da sua existência. Empregando uma belíssima e adequada analogia, São João Paulo II chama Maria de “a primeira daqueles pequenos” pelos quais Jesus ora, dizendo: “Pai, graças te dou por ter ocultado essas coisas dos sábios e inteligentes, revelando-as aos pequenos” (Mt 11,25). Foi o mistério do Filho que lhe foi revelado, “pois ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelar” (Mt 11,27). Maria, primeira entre os pequenos, recebeu, antes de todos, a revelação do Filho; já desde a anunciação lhe foi revelado o Filho, que só o Pai conhece plenamente (RM, 17). E, cada vez mais, Jesus se converterá para Maria em fonte permanente de revelação. “A primeira entre os pequenos” acolhe a revelação na fé.

Diante dessa revelação, Maria abandona-se completamente em Deus, ela não tem medo. Os pobres não têm medo. Eles estão completamente abertos e disponíveis a qualquer chamado. Vivem numa constante atitude de escuta, estão mergulhados na esperança de que a salvação virá do alto.

O medo é o grande obstáculo para a realização do Reino. O medo nos impede de ser profetas, de dizer SIM ao amor.

Vivemos mergulhados num mundo onde falta solidariedade e fraternidade, circundado pelos medos que oprimem qualquer semente de libertação. Deus é Amor. Ao longo da vida, o mais difícil é tentar compreender o que é o amor, em que consiste amar e como devemos amar. O nosso amor é demasiadamente seco, desencarnado, sem vida, interesseiro. Somente quando alguém consegue descobrir a gratuidade do amor pode perceber a felicidade que vai brotando como água viva no mais íntimo do seu coração à maneira de Maria.

A presença de Maria na história humaniza-nos, faz-nos perceber que é preciso deixar-nos amar, transformar, dizer e ser fiel para a glória de Deus e a santificação da humanidade; permitir que a sombra do Espírito Santo cubra-nos e fecunde nossa vida. Com Maria o medo é vencido, superado. A mais bela terapia é deixar-nos envolver pela misericórdia e pela ternura do Senhor, porque somos chamados a gerar a vida e para anunciar a ternura de Deus.

Não é possível compreender toda a beleza transformadora do Evangelho sem a presença de Maria. Portanto, amar Maria não é deixar-se conduzir por um estéril sentimentalismo, tampouco buscar fáceis revelações. É antes fixar o nosso olhar naquela mulher que, escolhida por Deus, soube, com dignidade, permanecer firme, inclusive junto à cruz do seu Filho. Caminhou ao lado de Jesus, deixando que ele fizesse a sua caminhada. Soube respeitar, sem compreender os ritmos da graça e do amor. Atravessou as noites da fé, firme na Palavra de Deus assumida e vivida com lucidez.

O Evangelho de Lucas é a mais bela e completa biografia de Maria; embora fale tão pouco, fala o suficiente, pois dela sabemos o essencial. Ela guardou em seu coração todas as palavras, seguiu em tudo o Filho e nos ensina o segredo da meditação silenciosa, da fecundidade escondida, da paciência histórica, que espera até que a semente nasça e dê seu fruto.

O mistério da Encarnação continua na história todas as vezes que alguém se deixa amar pelo Senhor, vencendo toda resistência, abrindo-se a este mesmo amor e dizendo: Como Maria eu aceito este projeto de entrega e consagração.

A encíclica de São João Paulo II, em preparação ao Ano Mariano, fala da linda meditação sobre o mistério da salvação, comunicada a Maria. Nesse documento compara-se o peregrinar da Igreja, através da História, à caminhada de Maria na fé. Com efeito, desde sua Imaculada Conceição e, precisamente, desde a Anunciação até o dia da Assunção, que outra coisa foi a vida de Maria senão um constante avançar nos caminhos do Senhor por entre luzes e interrogações? Imagine uma longa procissão partindo da terra e entrando no céu. Uns vão primeiro, outros seguem atrás. Todos, porém, olham para o mesmo alvo: Jesus Cristo. Todos impelidos pelo Espírito do Ressuscitado, que derrama seu amor em nossos corações (cf. Rm 5,5). Todos formando um só corpo, membros uns dos outros (cf. Rm 12). À frente vai Maria, Mãe de Jesus e Mãe da Igreja. E como mãe, arrasta atrás de si os filhos, abrindo-lhes caminho, pelo encanto de seus exemplos e pela força de sua oração. Ela roga por nós, pecadores, peregrinos, agora e na hora de nossa morte. Em nosso caminhar somos envolvidos, guiados, protegidos e reconfortados por sua poderosa e incessante intercessão.

Sua vida aponta para a necessidade de concretizar melhor a proposta de ser cristão no mundo de hoje e de amanhã! Ela quer ajudar-nos a partilhar a vida com os irmãos, anunciando a luminosa e cativante atualidade de Jesus Cristo. Maria quer mostrar-nos o rosto desfigurado de seu Filho nos semblantes de todas as vítimas da injustiça estruturalizada no mundo pós-moderno: os indígenas e negros, os anciãos e enfermos, os menores abandonados e os jovens desorientados, os trabalhadores mal assalariados ou sem emprego, as mulheres marginalizadas, os homens sem fé. Tantas faces de Jesus abandonado! Tanta gente precisando de nós, do nosso amor.

Como Maria, sentimos que ele nos chama para uma missão sublime. Não tenhamos medo, não nos faltará o vinho da coragem.

Escrevia o bispo de Fátima-Leiria por ocasião do Ano Internacional da Juventude (1985): “É um fato, os jovens encontram na juventude de Maria um apelo dirigido à sua própria juventude, e, por isso, é cada vez maior a devoção a esta Mãe jovem, que fez da vida toda um ‘SIM’ a Deus a serviço da humanidade”. Tão intimamente unida à Santíssima Trindade, ela participa da eterna juventude de Deus, pois é filha de Deus Pai, Mãe de Deus Filho, Esposa de Deus Espírito Santo. Por Maria, que é da nossa vertente, da nossa raça, os jovens têm mais fácil acesso à juventude divina. Ele, que aspira ser sempre jovem, conseguiu-lo-á, mesmo quando chegar aos oitenta anos, se a colocar bem dentro do seu coração, até que, definitivamente, encontre a plenitude eterna de sua juventude, no seio da Santíssima Trindade.

Que bela a devoção a Maria, essa mulher jovem e forte na fé. Em Maria, os jovens encontram-se com Cristo, “o grande vivente”. Cristo eternamente jovem, como nos diz a Carta aos Hebreus no capítulo 1,12: “Ele é de ontem, de hoje e de todos os séculos”. Se Maria jovem, Mãe do Cristo jovem, é também Mãe da Igreja, os jovens não têm dificuldade em entregar-se a esta Igreja, que atualiza, no tempo e no espaço, o mistério de Cristo jovem sob o olhar maternal de Maria.

Desse modo, querem caminhar com a Igreja, empenhar-se na Igreja, que traz no seu seio os valores sobrenaturais e eternos de que o jovem tem necessidade.

O ponto importante da devoção a Maria é o amor concreto à Igreja, Povo de Deus. Não se ama a Maria mantendo-se indiferente à Igreja que lhe prolonga a maternidade espiritual junto aos homens de hoje. O jovem que se compromete com a Igreja, na linha da comunhão e da participação em sua missão salvífica, esse sim é que ama Maria de verdade e recebe todo o carinho e a proteção da Mãe!

Junto à cruz de Jesus, serena, de pé, sofrendo no seu coração o que Jesus sofria no corpo e na alma, no cume do seu “sim” a Deus, do seu “sim” aos homens, ela permanece fiel, solidária com a Igreja em seu caminhar terreno.

Foi justamente naquela hora e aos pés daquela cruz que um jovem, o discípulo que Jesus amava, ouviu do Mestre a verdade total sobre Maria: “Eis a tua mãe!”, e a acolheu em sua casa (cf. Jo 19,26-27), como seu bem e sua propriedade, como seu tesouro e a herança do seu coração.

Eis a verdadeira atitude evangélica do cristão para com Maria: aceitá-la no espaço interior de sua intimidade de fé.

O sim de Maria é germen da vida da Igreja, no papel insubstituível que ela exerce na vida e na história da humanidade! Amando-a filialmente, como Jesus a amou e desejando amá-la por nosso intermédio, podemos responder com alegria e criatividade ao grande desafio do Evangelho: “Que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10) e ainda “Que todos sejam UM” (Jo 17,19).

Portanto, não tenhamos medo de entregar a nossa vida a Deus na fidelidade e na confiança. Sabemos, através da vida de Maria, que aquele que se entrega a Deus é por ele amado e guiado no processo da entrega.

Maria é a “perfeita” seguidora de Jesus e o modelo de vocacionada e de discípula. Em Maria o sacerdócio e a Vida Religiosa descobrem que é possível o compromisso e a fidelidade.

Maria, mãe das vocações e modelo dos consagrados, intercede por nós hoje e sempre!



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A revista *Convergência* recebe colaboração espontânea de artigos inéditos que serão avaliados pelo Conselho Editorial, o qual decide pela sua publicação ou não, de acordo com os seguintes critérios:

- o conteúdo deve estar em sintonia com o objetivo da revista, que é oferecer subsídios de formação, reflexão e aprofundamento para as comunidades religiosas;
- os artigos devem ser enviados em arquivo Word, em fonte Times New Roman, tamanho 12 (com rodapé tamanho 10), contendo entre 25 e 30 mil caracteres com espaço;
- elaborar, no final de cada artigo, pelo menos três questões para ajudar a leitura individual e o debate em comunidade, além de bibliografia consultada;
- enviar juntamente com o artigo os dados biográficos do autor e endereço para contato;
- os artigos deverão ser enviados três meses antes da data prevista para a publicação, no seguinte endereço eletrônico: <publicacoes@crbnacional.org.br>.



ASSINATURAS

Prezado(a) assinante,

Os valores vigentes para a assinatura da revista *Convergência* são os seguintes:

- R\$ 125,00 (para o Brasil)
- R\$ 175,00 (para o exterior)

Assinaturas novas e renovação de assinaturas podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site <crbnacional.org.br>, imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
- Depósito diretamente na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 1230-0, c/c 306934-6, lembrando que é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail.

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

convergencia@crbnacional.org.br
ou pelo telefone **(61) 3226-5540**
ou pelo fax **(61) 3048-6479**.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).